



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ELCIO ALBERTON

**FORMAÇÃO MISTAGÓGICA DO DOCENTE NO CONTEXTO DA
METAMORFOSE CIVILIZATÓRIA**

CURITIBA/PR

Maior/2012

ELCIO ALBERTON

**FORMAÇÃO MISTAGÓGICA DO DOCENTE
NO CONTEXTO DA METAMORFOSE CIVILIZATÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Área Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores na Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo.

**CURITIBA
2012**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

A334f Alberton, Elcio
2012 Formação mistagógica do docente no contexto da metamorfose civilizatoria
/ Elcio Alberton ; orientador, Ricardo Tescarolo. – 2012.
92 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2012
Bibliografia: f. 87-90

1. Professores – Formação. 2. Educação permanente. 3. Mistagogia.
I. Tescarolo, Ricardo, 1950-. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 21. ed. – 370.71

Dedico esta pesquisa em memória de minha mãe, para quem “o saber nunca ocupa lugar”.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, primeiro educador, e que na pessoa de Jesus Cristo se fez “Bom Mestre”.

Ao Professor Dr. Ricardo Tescarolo, pelo encanto, paixão, segurança e confiança que depositou no projeto desde o primeiro momento até a grafia da última palavra.

Aos Professores do Programa de Mestrado em Educação da PUCPR. Particular gratidão às Prof.^a Dr.^a Marilda Aparecida Behrens, convidada interna e a Prof.^a Dr.^a Silvia Maria de Araújo, convidada externa pela leitura atenta deste trabalho.

Aos meus amigos professores, que partilham das angústias e utopias da educação.

Ao professor Sebastião Villas Boas, incansável tradutor dos artigos e resumos que publiquei durante o programa de mestrado.

Ao meu amigo João Astesio de Souza, benfeitor e incentivador deste projeto.

Nós devemos exclusivamente nos preocupar em dirigir o nosso olhar para o ponto em que Ele se encontra, seja o não visível (WEIL, 1979, p.105).

RESUMO

Formação mistagógica do docente no contexto da metamorfose contemporânea trata das profundas transformações pela quais passa a civilização, considerando os aspectos sociológicos, ambientais, políticos, econômicos e tecnológicos. Responde a inquietação do autor e dos docentes em geral a seguinte pergunta: Em que medida a mística como parte da formação continuada poderá colaborar com a práxis docente, contribuindo para o enfrentamento e a superação das dificuldades que, muitas vezes, mantém o professor com uma abordagem reduzida a técnica? Trata do ser humano nesta complexa relação, analisando as possíveis consequências deste processo, bem como, aponta alternativa para uma adequada assimilação e convivência neste novo mundo que surge como resultado do processo metamorfofóico. Mediante pesquisa bibliográfica e de campo, realizada por meio de entrevista semiestruturada, sugere conclusões no sentido de adotar comportamentos mistagógicos na formação docente como uma indicação pertinente em resposta aos desafios processuais resultante da metamorfose. Tratando da tarefa da educação no sentido de superar sua função utilitarista e de preparação para o ambiente transnacional sugere-se que a educação aponte alternativas solidárias e místicas no cotidiano do ensino/aprendizagem. Propõe o cultivo e a preparação de sujeitos integrados e integradores cuja condição docente supere a perspectiva técnica e profissional, sendo antes de tudo mistagogos, isto é, pessoas que ensinam mais com a vida e com os exemplos do que com as palavras e o conteúdo. O estudo sugere que a tarefa do educador consiste em valorizar a comunhão com o mistério das relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o transcendente. Embasado pelos autores: Miguel Arroyo, Hugo Assman, Aristides Cimadon, Paulo Freire, Laureano Guerreiro, Franco Imoda, Clemente Ivo Juliatto, H. C. Lima Vaz, Edmund O'Sullivan, Robert C. Solomon. A pesquisa indica que muito além de professores tecnicamente preparados, mística leva em conta a dimensão humana considerando todas as potencialidades de o ser humano desenvolver-se sob a ótica profissional, biofisiológica, intelectual, emocional, espiritual e social.

Palavras-Chave: Metamorfose do ser. Mistagogia. Educação. Espiritualidade. Formação Continuada.

ABSTRACT

Mystagogical education of the teaching staff in the contemporary civilizatory metamorphose deals with the deep transformations which the civilization passes through, considering the sociological, environmental, political, economic and technological aspects. The following question responses to the anxiety of the author and the teaching staff : In what measure the mystic as a part of the continued education can collaborate on the teaching staff practice, helping to face and get over the difficulties that, many times, keep the teacher in an approach reduced to the technique?. It deals with human being in this complex relationship analyzing the possible consequences of this process and, in the same way, it points alternative to a right assimilation and the convenience in this new world that rises up as result of the metamorphosical process. By means of bibliographic research and script for interview among the teachers , it was suggested to adopt mystagogical behaviors in the teaching staff formation as appropriated indication to respond the proceeding challenges resulting of the metamorphose. The main indication remains in comprehending the adoption of mystagogical attitude by the teaching staff and in the formation of the educators. When the subject is the education task intending to overcome its utilitaristic function and preparation for the transactional environment, it suggests that the education points supportive and mystical alternatives in the teaching / learning process. It proposes the cultivation and the preparation of the integrator people which teaching condition gets over the technical and the professional perspective, being firstly mystagogos (mystic educators) i.e, people teaching more with their lives and examples than words and contents. The text suggests that the educator's task is to value the relationship between ourselves, others, the world and the supernatural. It is supported by the following authors: Miguel Arroyo, Hugo Assman, Aristides Cimadon, Paulo Freire, Laureano Guerreiro, Franco Imola, Clemente Ivo Juliatto, H.C. Lima Vaz, Edmund O'Sullivan, Robert C. Solomon. The research points that more than technically prepared teachers, the mystic takes in account the human dimension considering all the potentialities of the human being to develop himself under professional, intellectual, emotional, spiritual and social point of view.

Key words: Methamorphose of the human being. Mystagogy, Education. Spirituality, continued education (formation).

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

AP – Documento de Aparecida.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DI – Discurso Inaugural da Conferência de Aparecida.

EAD – Educação a Distância.

MCS – Meios de Comunicação Social.

NTCI - Novas Tecnologias de Comunicação e Informação.

PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

WWW – Rede Mundial de Computadores.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	09
1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 PROBLEMA.....	16
1.3 HIPÓTESE.....	17
1.4 OBJETIVO GERAL.....	18
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
1.6 TIPO DE ESTUDO.....	18
1.7 ANÁLISE DE DADOS.....	20
1.8 RELATÓRIO DE PESQUISA.....	20
1.9 PARTICIPANTES, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	21
1.10 INSTRUMENTOS E METODOLOGIA.....	21
1.10.1 – Etapas Metodológicas de Estudo.....	22
2 COMPREENDENDO O PROCESSO METAMORFÓSIKO.....	23
3 FORMAÇÃO CONTINUADA DO DOCENTE: UMA RESPOSTA POSSÍVEL	34
4 MÍSTICA E MISTAGOGIA: DELIMITANDO CONCEITOS.....	43
5 FORMAÇÃO PARA ALÉM DO CURRÍCULO.....	54
6 RELEVÊNCIA DO TEMA.....	65
6.1 ANÁLISE DA ENTREVISTAS.....	68
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
7.1 POSSÍVEIS CONCLUSÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO A – ROTEIRO DA PESQUISA DE CAMPO	91
ANEXO B - TRANSPARÊNCIAS UTILIZADAS NA BANCA DE DEFESA	92

1. INTRODUÇÃO

Sob o título Formação mistagógica do docente no contexto da metamorfose civilizatória contemporânea, está posto um projeto de pesquisa cuja preocupação visa responder intrigantes angústias vivenciadas pelos professores no processo de formação inicial e continuada. O Ser humano, em todos os tempos, experimentou o medo do novo. Assim se lê na Sagrada Escritura:

Ouça, Israel: Hoje você está atravessando o rio Jordão para conquistar nações maiores e mais poderosas que você, cidades grandes e fortificadas até o céu. Os enacim são um povo forte e de grande estatura. Você os conhece, porque ouviu dizer: ‘Quem poderia resistir aos filhos de Enac?’ Por isso hoje você ficará sabendo que Javé seu Deus vai atravessar na sua frente como fogo devorador (DEUTERONÔMIO 9,1-3).

A preocupação relatada no texto em referência não é única e nem exclusiva, pelo contrário se repete diversas vezes na história de todos os povos como também do Povo de Israel. O medo do novo reaparece no mundo contemporâneo, nas mesmas proporções históricas no contexto da metamorfose civilizatória contemporânea. No último livro da Bíblia está escrito: “Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Sim! As coisas antigas desapareceram!” (Ap. 21, 1.4c).

De fato, desde que se tem notícia da existência do ser humano no planeta terra, as mutações civilizatórias foram acontecendo e tiveram distintas razões, participações, e resultados. Não é propósito desta pesquisa, mas apenas como aceno antropológico pode ser lembrada a pré-história com as três grandes fases que os estudiosos costumam classificar: ***Homo faber, Homo sapien, Homo erectus.***

Todo o processo civilizatório se constituiu no que pode ser chamado de acúmulo ou mesmo de aperfeiçoamento de conhecimentos e aprendizados. Múltiplas e distintas são as formas como a civilização contemporânea tem conhecimento dos processos evolutivos e porque não dizer metamorfósico das civilizações.

A fase de transição para a chamada ‘proto-história’ com a condição do homem há cerca de 5.000 anos antes de Cristo. Mais tarde outras civilizações das quais se tem maior volume de informações e restos de construções como, por exemplo, as pirâmides do Egito são todas provas dos processos evolutivos da condição humana.

Período após período, as civilizações sofreram, por si mesmas, ou por contrastes e encontros com outros povos, mutações substanciais as quais exigiram sempre adaptações e respostas que se adequassem à sua nova condição.

Efeitos de catástrofes naturais, resultados de guerras e conquistas sobrepuseram e subjugarão povos e nações. São situações capazes de provocar repugnância, compaixão, solidariedade e medo. Em muitas ocasiões continua sendo impossível compreender as razões para guerras e revoluções, para disputas entre seres da mesma espécie, entretanto, o ser humano continua sendo capaz de destruir o seu semelhante pelo simples prazer de sobrepor-se a si mesmo.

Sem fazer delongas, como se disse que não é o propósito deste estudo, vale citar, por exemplo, a destruição das civilizações indígenas nas Américas, com o genocídio de povos inteiros e o conseqüente aniquilamento das suas culturas.

Na perspectiva do medo e da preocupação com o novo e o diferente que se apresenta às pessoas e às sociedades, parece ser importante buscar compreender que:

Continuamos fazer as mesmas perguntas fantasmas que, como se sabe, ninguém responderá... Em que sonhos estamos mantidos, entretidos com crises, ao fim das quais sairíamos do pesadelo? Quando tomaremos consciência que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma civilização? Participamos de uma nova era, sem conseguir observá-la. Sem admitir e nem sequer perceber que a era anterior desapareceu (FORRESTER, 1997, p. 7 – 8).

Sob esta ótica está focada a pesquisa com o intuito de suscitar questionamentos pertinentes aos conteúdos mistagógicos da formação docente, os quais poderiam ser indicativos indispensáveis no sentido de superar a mera transmissão de conhecimentos e capacitação para o trabalho, mas que tenha o SER do professor visto primeiramente como pessoa e cidadão integrado e integrador.

1.1 JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade as transformações que a civilização experimenta não chega a ser de destruição dos povos ditos inimigos, mas de dominação política, ideológica, econômica e social que vem travestida sob a ótica globalização e do uso indevido dos avanços tecnológicos.

As profundas mudanças referidas no tema são sentidas por todos os segmentos da sociedade: “Redes de transporte, matrizes energéticas, governança pública e privada é objeto de nosso interesse científico nesse projeto de pesquisa, de modelos e sistemas educacionais,

destacando-se aí a formação de professores¹”. A este fenômeno denominamos metamorfose por conta da sua abrangência antropológica a qual implica reconhecer que vivemos um processo de transição paradigmática. Neste sentido, a formação continuada dos professores visa a muito mais do que a renovação de conteúdos. A preocupação da pesquisa aponta para um necessário investimento na formação de professores que inclua atitudes além de habilidades.

Muito além do que professores tecnicamente preparados, a formação continuada precisará levar em conta a dimensão da “totalidade humana, e deste modo, contribuir para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades: profissionais, biofisiológicas, intelectuais, emocionais, espirituais e sociais²”.

As incertezas decorrentes do avanço da era tecnológica sugerem renúncias aos conceitos simplórios de futurologia ligada aos simbolismos numéricos e astrológicos deveras frequentes nestes momentos históricos. Vislumbrar o diferente, o não conhecido, implica experimentar incertezas como respostas. Serão aquelas capazes de aguçar a coragem e pensar o presente na perspectiva de alternativas aos desafios que parecem se agigantar diante do olhar atônito dos envolvidos no processo.

Diante deste contexto, a pessoa do professor, em todas as suas relações, será o fio condutor desta pesquisa uma vez que:

Com a chegada do século XXI, há uma mudança dramática, que nos leva para além do Estado-nação, rumo a um mundo transnacional global, que faz parte do movimento progressivo do sistema de mercado do capitalismo contemporâneo. A globalização não é recente; é inerente à lógica do capitalismo expandir continuamente os mercados (O’SULLIVAN, 2004, p.65).

Em virtude da complexa transformação da sociedade que afeta todos os setores e aponta para uma nova forma de relações que se pode qualificar de metamorfose civilizatória, não pode haver lugar para o medo, nem tampouco a indiferença, pelo contrário, pois

Frente a essa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos (DOCUMENTO DE APARECIDA 64, 2007).

¹ Projeto de pesquisa do professor Ricardo Tescarolo: A Formação de Professores no Contexto da Metamorfose Civilizatória Contemporânea, vinculado ao Grupo de Pesquisa: Aprendizagem e Conhecimento na Prática Docente.

² IBID

Decorrente das transformações paradigmáticas, cuja produção e gestão de conhecimentos dão origem a novas oportunidades e muitos problemas, parece claro que a formação docente está exigindo uma nova trajetória a qual, segundo definição da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO), “implica a aquisição de conhecimentos, atitudes, habilidades e condutas intimamente associados ao campo profissional” (apud IBERNÓN, 1994, p.13).

Esta realidade faz parte da preocupação de pensadores e educadores os quais indicam ser necessário valorizar mais que os conteúdos e a produção, a própria pessoa do educador como um sujeito cuja condição humana é muito mais complexa do que sua atuação profissional. Tal condição pode ser mais bem entendida com a afirmação:

A produção não material coincide com a produção espiritual, não é outra coisa senão a forma pela qual o homem aprende o mundo, expressando a visão daí decorrente de distintas maneiras. Eis por que se pode falar de diferentes tipos de saber ou de conhecimento (SAVIANI, 2003, p.7).

Uma coerente formação de educadores desenhará muito mais do que transmissão de conhecimentos intelectuais e preparação para o trabalho, mas despertará no educando/professor a solidariedade, a fraternidade e o senso de justiça.

A formação mistagógica terá em conta a contribuição que os estudos do fenômeno religioso em sua relação com a economia, a política, as sociedades e a cultura oferecem para o processo de formação, facilitando a vivência de valores, a compreensão ética e espiritual mirando para o gozo pleno da cidadania. Tal conceito pode ser compreendido na seguinte afirmação:

O valor da religião está apoiado em dois pilares: o primeiro é da questão da discussão filosófica que levanta e que deve nortear o desenvolvimento evolutivo do nosso pensamento. O segundo é a beleza dos exemplos que oferece. Todas as coisas boas da vida, em geral, nascem do bom exemplo. As religiões cumprem o papel de preservar, pela tradição oral ou mesmo pelos documentos que divulga histórias de pessoas e de personagens que seguiram preceitos éticos e valores que contribuem para estimular o respeito de uma pessoa para com a outra (CHALITA, 2006, p.11).

Quanto maior for a compreensão da educação como modificadora de atitudes e condutas e, portanto, que diz respeito ao coração, maior será a convicção dos educadores que seu papel vai muito além do que ensinar verdades, mas em viver de acordo com os valores que ensinam, isto é, ele será um mistagogo do saber. Os conhecimentos serão muito melhor assimilados e aceitos na medida em que a fonte de onde emanam possa ser confirmada com a credibilidade de uma postura ética.

Procurar uma sintonia entre a formação continuada e a prática docente, não entendida estritamente como a prática didático-pedagógica, mas o cotidiano do professor naquilo que se pode qualificar como formação para além do currículo no sentido que a formação dos professores e a sua prática passam, pois, a ser afetadas pela natureza multirreferencial do paradigma emergente e neste sentido:

A tarefa crucial do educador é desenvolver uma consciência que procure ver através da lógica da globalização destrutiva e combiná-la com qualificações críticas para resistir à retórica que ora nos satura (O'SULLIVAN, 2004, p.66).

O projeto tem vinculação com minha experiência pessoal na condição de educando e educador. Nos longínquos anos 1960, sentado aos pés de minha mãe, mulher agricultora e que cursou o terceiro ano escolar na era Vargas, aprendi as primeiras letras, o método silábico de ensinar e ouvi inúmeras histórias, algumas das quais recordo até a presente data e que ensinam mais pelo seu significado simbólico do que pela importância cultural.

Pouco tempo depois tive acesso à escola, na condição de aluno ‘encostado’ isto é, ‘ouvinte’, em outras palavras, sem idade legal para frequentar a escola. Neste ambiente fui conduzido por uma sábia mãe de 12 filhos que, no período matutino, dedicava-se ao ensino facilitando o encontro dos seres humanos em vista de transformá-los. Neste ambiente a escola nunca foi para mim alheia aos encantos da vida, pelo contrário, levou-me ao encantamento pela docência e pela vocação à docência.

Em meados dos anos 70, o interior do Paraná, à época lugares que se poderia qualificar como “longe de tudo e perto de nada”, mas que se constituíam o “Eldorado” daqueles tempos, foi tomado por uma enxurrada de docentes mistagogos que, tal como Abrão, sentiram o desafio de ir para uma terra estranha, no meio de um povo diferente na convicção de que a bênção de Deus estava com eles. Fui, por este grupo de mistagogos, formado até o final do segundo grau. Simultâneo a isso, acompanhei as aulas radiofônicas, por uma “voz nos céus do sudoeste unindo o povo da nossa terra”. Refiro-me à Rádio Celinauta, de Pato Branco, de inspiração católica e dirigida pelos Frades Franciscanos.

Na década de 80, tomei gosto pela docência quando, na condição de educador, trabalhei como professor voluntário no ensino religioso no estado do Paraná, desejando SER Padre e, ligado a Diocese de Caçador – SC, que me aceitaria para o Sacramento da Ordem. Ao mesmo tempo não tirei o olhar da educação. Ordenado Presbítero da Igreja, assumindo todas as funções que decorriam desta condição, exerci simultaneamente a docência, sem nunca ter deixado de estudar.

Nunca me conformei com aquilo que Paulo Freire chama de educação bancária, ou seja, que transforma as pessoas em depósitos de conhecimento que lhe é transmitido por alguém que detém o conhecimento, o saber e a autoridade legal para transmitir. Sem negar a ortodoxia católica, entendendo também que o conhecimento da verdade revelada se dá também pelo saber dos pobres, recordo novamente minha mãe que, no silêncio do seu quarto, colocava seu “coração de molho no coração de Deus”.

Em 2009 tive a oportunidade de conhecer a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e o programa de Mestrado em Educação, fui apresentado ao Prof. Dr. Ricardo Tescarolo, com quem discorremos longamente sobre aprendizagem colaborativa e mística da docência. As Obras “Aprendizagem Transformadora: uma visão educacional para o século XXI” e “Espiritualidade para Céticos” se constituíram no eixo central da pesquisa bibliográfica para o nosso projeto.

1.2 PROBLEMA

Neste contexto emerge o problema a que se refere a pesquisa e que pode ser formulado do seguinte modo: Em que medida a mística como parte da formação continuada poderá colaborar com a práxis docente, contribuindo para o enfrentamento e a superação das dificuldades que, muitas vezes, mantém o professor com uma abordagem reduzida a técnica? Assim considerar que:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente, graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 1998, p. 99).

Tratar da mistagogia na formação continuada se apresenta como um problema na medida em que esta temática está quase que olvidada nos programas e que, no entanto, é intrínseca ao cotidiano do educador, tanto mais nestes tempos em que as questões éticas e de valorização da vida sob a forma de preocupação com a sustentabilidade são cada vez mais consideradas como exigência pertinente. Segundo Romanowski & Ens (2006): “Parece que o interesse pelos temas educacionais não tem sido suficiente para que mudanças significativas ocorram nos espaços de formação, sejam escolares ou não escolares”, assim também se compreende a filosofia de Paulo Freire referindo-se a autonomia nos processos educativos,

convencido estava que esta condição faria as pessoas vivenciarem condições de fazer do mundo um lugar menos difícil de amar.

Deixar de considerar as questões da mística e da mistagogia como um problema a ser investigado e como parte dos programas de formação continuada do professor na complexidade da metamorfose civilizatória seria ignorar uma verdade já aceita por outras gerações e sociedades em todos os tempos da história.

A questão mistagógica no universo da formação continuada se apresenta ainda como problema quando o professor se sente desafiado a trabalhar no seu cotidiano profissional com motivações interiores muito maiores do que aquelas que a sociedade parece cultivar e que os Bispos da América Latina assinalaram no documento de Aparecida com a afirmação “globalizar a solidariedade”. Ou ainda que seja evidente nas palavras de Santo Agostinho: “Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração enquanto não repousa em ti”.

Colocando o problema da mistagogia nos programas de formação continuada, parece apontar para a resposta do problema que se levanta nesta pesquisa no sentido que o tema deixaria de estar apenas implícito e subliminarmente presente para aceitar a condição de uma profunda conexão do ser humano com a realidade superior, com o extasiar-se do universo harmonioso, isto é, conexão com algo que está muito além de si mesmo. Neste sentido cabe a afirmação:

O mistério da pessoa é, portanto, contemporaneamente aberto ao infinito e encarnado no espaço e no tempo. Cada obra do crescimento pedagógico e de guia para o mistério não pode acompanhar os passos da dimensão concreta da vida pessoal. As perguntas, as lutas e os anseios devem ser entendidos como a tradução concreta do mistério humano (IMODA, 1996, p. 717).

Dentro desta perspectiva, a questão da mística viria como resposta aos medos hodiernos diante da complexidade da metamorfose civilizatória na linha do que já afirmou Santo Agostinho: “Tempos difíceis, tempos horríveis, dizem os homens. Mas os tempos somos nós! Tais somos, tais os tempos!”

1.3 HIPÓTESE

O corpo docente das redes de ensino pública e particular nos níveis médio e superior é constituído por profissionais habilitados em distintas áreas de conhecimento e que exercem a sua profissão comparada a um sacerdócio. Entretanto, as complexas mudanças por que passa a civilização contemporânea têm causado perplexidade e despertado constantes

questionamentos sobre o processo de formação que se estabelece no interior dos sistemas de ensino.

1.4 OBJETIVO GERAL

Avaliar de que forma os professores respondem aos desafios da sociedade no contexto da metamorfose civilizatória, tendo em consideração o ser do professor e a mística da sua condição docente, a partir dos programas de formação continuada e da prática docente em escolas do ensino médio e no ensino superior.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar a compreensão dos professores em relação à metamorfose civilizatória e emergência das novas relações que dela decorrem;

Procurar detectar os indicadores místicos que sustentam o processo didático-metodológico, bem como o Ser do professor no cotidiano do processo ensino/aprendizagem;

Reconhecer na escola e nas instituições que oferecem a formação inicial e continuada a importância atribuída à formação integral do docente na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o totalmente Outro;

Apresentar um indicativo para a formação docente que leve em conta a mística e a paixão pela educação desde a pessoa do educador no exercício pedagógico.

1.6 TIPO DE ESTUDO

O projeto de pesquisa está inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, vinculado à linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Professores que tem por finalidade problematizar, refletir e analisar a prática pedagógica, o ensino, a aprendizagem, as tecnologias educacionais e saberes docentes na formação inicial e continuada dos professores.

A proposta é parte integrante da temática Formação de Professores no Contexto da Metamorfose Civilizatória Contemporânea coordenada pelo Prof. Dr. Ricardo Tescarolo. O estudo sobre as questões da mistagogia na formação continuada do docente tem suas origens no cotidiano da vivência escolar e quer apontar para uma prática pedagógica que ajude a valorizar o ser do professor na sua totalidade como pessoa e como educador.

Para tanto, utilizou-se ampla pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica e suporte de todas as fases de desenvolvimento do projeto. A pesquisa auxiliou na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção da hipótese, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

Serviu-se de pesquisa *descritiva*, com uma *abordagem qualitativa e exploratória*. A *Pesquisa de Campo* foi realizada para completar dados levantados pela pesquisa bibliográfica e permitiu levantar informações sobre o cotidiano da formação docente no contexto em questão. Por sua vez a análise e interpretação dos dados fundamentados nas referências bibliográficas permitiu a melhor compreensão e explicação do problema levantado. A coleta de dados feita por meio de *entrevistas individuais, focalizadas e semiestruturadas*, elaboradas a partir de um roteiro prévio de perguntas que foram respondidas oralmente e gravadas na sua integridade (com o prévio consentimento da pessoa entrevistada), após a aprovação do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Para Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos apontaram para novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal colocado pelo investigador-entrevistador complementa o autor, quando este afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Um ponto semelhante, para ambos os autores, refere-se à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviu, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante. A natureza das perguntas básicas para a entrevista semiestruturada também foi estudada por ambos os autores (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1995, 2001, 2003).

Para tanto, utilizou-se nesta pesquisa um roteiro com perguntas abertas e fechadas, em que o informante pôde discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador seguiu um conjunto de questões previamente definidas, semelhante ao de uma conversa informal, levando em conta que o pesquisador é também professor nos níveis pesquisados.

Valeu-se da fenomenologia como método de investigação e da hermenêutica como técnica de interpretação. Dessa forma, procurou-se desenvolver os referenciais fundamentais de reflexão, visando a um programa permanente de estudos e pesquisas sobre o problema em causa. Assim, as perguntas descritivas tiveram grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais. Para a análise dos dados foram utilizadas categorias de análise baseadas em cuidados com linguagem, forma e sequência das perguntas nos roteiros.

1.7 ANÁLISE DE DADOS

Os dados e informações levantados nesta pesquisa foram analisados servindo-se do método representacional, técnica, cuja finalidade facilitou interpretar, além da fala do locutor, as atitudes e postura diante do problema pesquisado. O método do qual se serviu partiu do pressuposto que a linguagem (que não se reduz à verbal) representa e reflete aquele que a utiliza bem como sua condição em relação a ela. Posto isso, foi possível compreender os indicadores explícitos no ato comunicativo estabelecido entre pesquisador e pesquisado.

Segundo Minayo, (1996, p. 206), a atitude é constituída da predisposição mais ou menos estável e organizada que leva o sujeito a emitir opiniões ou realizar atos de acordo com os objetos que lhe são apresentados. Nesse sentido pode-se dizer que “atitude” se constitui no conceito básico para a análise avaliativa.

Analisar dados sob a ótica avaliativa significa, de acordo com Bardin, (1979), ater-se às unidades de ressignificação dos termos utilizados no conjunto das afirmações e atitudes que permitem emitir juízos de valor.

1.8 RELATÓRIO DE PESQUISA

Segundo Selltiz, Wrightsman e Cook, 1987, p. 18 e 25: “A primeira tarefa de um relatório de pesquisa é introduzir a natureza e o fundamento do problema investigado” e “relatar primeiro os resultados mais gerais e depois os mais específicos”. Com base nestas afirmações, o relato da pesquisa se constituiu de introdução, de um breve resumo que contém

o esboço do problema, os procedimentos adotados e as conclusões mais importantes, contendo também ampla revisão bibliográfica.

A indicação das referências, devidamente ordenadas conforme normas da associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e procedimentos metodológicos adotados pela PUCPR. O Apêndice com outros recursos utilizados para a investigação faz parte do relatório final, evitando assim um volume muito extenso incluso no corpo do relatório.

1.9 PARTICIPANTES, POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa se constituiu de um questionário aplicado sob a forma de entrevista com 20 professores das redes públicas e privadas nos estados de Santa Catarina e do Paraná, os quais vivem no cotidiano da ação docente a experiência da formação continuada nos distintos níveis de atuação. O critério básico para a seleção dos entrevistados residiu na condição de serem professores do quadro da instituição escolhida para a pesquisa. Foram entrevistados docentes das instituições identificadas:

UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA – UNOESC

Campus de Joaçaba:

Rua Getúlio Vargas, 2125 - Bairro Flor da Serra

CEP. 89.600-000 - Joaçaba – SC

COLÉGIO ESTADUAL PAULO LEMINSKI

Av. Cel. Augusto Almeida Garret, 135 - Tarumã

Curitiba - PR, 82820-520

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO SAGRADO CORAÇÃO

Rua Nicola Pellanda, 699 - Pinheirinho

Curitiba - PR, 81880-000

Como garantia ética de confidencialidade e responsabilidade pela pesquisa o protocolo foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR no primeiro semestre de 2011 (julho).

1.10 INSTRUMENTOS E METODOLOGIA

Um roteiro, tipo questionário, semiestruturado, com perguntas abertas foi aplicado ao pesquisado, mediante o qual o sujeito emitiu suas opiniões e constatações no momento da entrevista feita pelo pesquisador com uso de gravador e armazenada em *chip* de memória. A

pesquisa que foi posteriormente transcrita será incinerada depois de apresentado o relatório final do projeto junto ao programa de Mestrado em Educação da PUCPR.

1.10.1 Etapas metodológicas de estudo

Questões administrativas: Foi mantido contato com os responsáveis pelas instituições que foram pesquisadas obtendo destes a devida autorização para a atividade. Pactuou-se com os profissionais escolhidos para a pesquisa as condições para a entrevista com consistiu na respectiva marcação de horários e locais para sua realização com a devida agilização infraestrutural básica.

Revisão bibliográfica: Análise de bibliografia sobre o tema, levantamento de dados e análise de pesquisas existentes sobre o objeto de estudo, tendo presente o que se chama em pesquisa de “estado da arte” e finalmente fez-se a socialização de conhecimentos entre as áreas.

Preparação dos instrumentos de coleta: elaboração do formulário, questionário e roteiro de pesquisa.

Realização da pesquisa: realização das entrevistas com a respectiva gravação dos dados e posterior transcrição.

Elaboração do Relatório de Pesquisa: sistematização das etapas, processos e resultados obtidos durante o estudo.

Simultâneo a esse processo, o pesquisador participou dos encontros presenciais no Programa de Mestrado da PUCPR, realizou a pesquisa bibliográfica e fez acompanhamento com estudo pessoal orientado pelo Prof. Dr. Ricardo Tescarolo, o que redundou no trabalho que se apresenta a seguir.

2 COMPREENDENDO O PROCESSO METAMORFÓSIKO

Para compreender melhor o significado da expressão metamorfose civilizatória é importante partir do significado do termo cuja raiz grega *metamórphosis* significa mudança na forma e na estrutura. Do ponto de vista da biologia, diversos seres experimentam um processo metamorfoso na sua existência. Alguns, para resistir ao processo, ou simplesmente com o intuito de prolongar um pouco sua efêmera existência se sujeitam a enormes aventuras. É o caso das borboletas monarcas, que a cada inverno empreendem voo por mais de três mil quilômetros, tentando resistir à mudança radical que invariavelmente ocorrerá pouco depois de se ter encerrado o período de hibernação.

Nesse sentido, a metamorfose civilizatória da qual se está falando tem um paralelo muito próximo na medida em que nenhuma atitude humana impedirá o processo. Antes, trata-se de distinguir se o processo de metamorfose aponta para a vida ou para morte; em quais proporções a espécie primitiva, que no mundo animal se reconhece como “taturana = semelhante ao fogo” transformar-se-á numa “bruxa” ou numa “princesa”.

As profundas mudanças sentidas por todos os segmentos da sociedade: “Redes de transporte, matrizes energéticas, governança pública e privada é objeto de interesse científico neste projeto de pesquisa, de modelos e sistemas educacionais, destacando-se aí a formação de professores³”.

É notório que o mundo está vivendo um momento histórico, nunca antes experimentado e que supera, de longe, o que se compreendeu por modernidade. Alguns estudiosos denominam este período de pós-modernidade, outros o qualificam como modernidade tardia, há ainda quem prefira chamar de terceira modernidade.⁴ Independente da nomenclatura que se queira atribuir, trata-se de um fenômeno complexo e do qual nada e ninguém está isento.

A abrangência do tema é praticamente impossível ser mensurada, dada a infinidade de citações e estudos que se apresentam em todos os setores e segmentos da sociedade. Nos *sites* de busca, só em português, aparecem mais de quatro milhões de *links* relacionados ao tema.

³ Justificativa para o projeto de pesquisa “A Formação de Professores no Contexto da Metamorfose Civilizatória Contemporânea”. Programa de Mestrado PUCPR 2010.

⁴ Jean-François Lyotard: filósofo francês. Zygmunt Bauman: Sociólogo polaco.. Anthony Giddens: sociólogo britânico.. Adolphe Gesché: teólogo belga..

São transformações que ocorrem e que afetam tudo e todos. Trata-se de uma desconstrução de todas as formas de viver consideradas adequadas até o presente momento.

A este fenômeno denomina-se metamorfose civilizatória por conta do seu alcance antropológico o qual implica reconhecer que vivemos um processo de transição paradigmática que é descrito assim:

No começo deste novo século, estamos rodeados de sistemas altamente complexos que cada vez mais tomam conta de quase todos os aspectos da nossa vida. Trata-se de complexidade que seríamos incapazes de imaginar a meros cinquenta anos – sistemas globais de comércio e troca de informações, uma comunicação global instantânea através de redes eletrônicas cada vez mais sofisticadas, empresas multinacionais gigantescas, fábricas automatizadas, etc. (CAPRA, 2005, p. 110).

Este é um daqueles momentos cruciais da história: trata-se de uma transformação estrutural. A perspectiva de diálogo que se abre entre filosofia, ciência e religião converge para a possibilidade antes impossível, o que pode ser chamado de novo apocalipse. Diante dessa circunstância, não cabe fugir, como que apontando para outras realidades, nem tampouco querer enclausurar-se na falsa certeza do imutável ou do fatalismo pessimista. O desafio consiste em participar desse mundo com todas as exigências que o processo transformador apresenta:

Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio da complexidade. Existe complexidade de fato quando os componentes que constituem um todo são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, e o todo e as partes. (MORIN, 2000, p.14)

O século XXI trouxe uma mudança dramática, entre elas as novas tecnologias de informação e comunicação, leia-se aqui a internet, como se expressou recentemente o Papa BENTO XVI:

Vai-se tornando cada vez mais comum a convicção de que, tal como a revolução industrial produziu uma mudança profunda na sociedade através das novidades inseridas no ciclo de produção e na vida dos trabalhadores, também hoje a profunda transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais. As novas tecnologias estão a mudar não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural. Com este modo de difundir informações e conhecimentos, está a nascer uma nova maneira de aprender e pensar, com oportunidades inéditas de estabelecer relações e de construir comunhão (http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html, acesso em 14/04/2012).

Em outras palavras, o acesso à rede mundial de computadores facilitou o acesso a outra forma de aprender e de pensar, bem como novas oportunidades para estabelecer distintas relações. Isto implica admitir que o mundo esteja entrando numa nova era de inclusão ou de exclusão que redefine os modos de ser e de viver. A rede mundial de computadores criou a era geracional capaz de exercer a fascinante ilusão de construir a identidade que o usuário deseja. As Novas Tecnologias e Informação e Comunicação (NTCI) se constituem no que se pode qualificar de “último mundo livre” abolindo fronteiras e distâncias e apontando para a transnacionalidade. Sem sombra de dúvida, a rede mundial de computadores é o principal responsável pela face mais visível da metamorfose neste ambiente planetário. Muito do que é novo hoje é o resultado da aplicação das NTCI. Em poucos anos a Rede Mundial de computadores (WWW), tornou-se uma poderosa empresa de intermediação dos grandes projetos comerciais, sociais e de comunicação:

Hoje, presenciam-se intensas transformações técnico-científicas e, por outro prisma, vê-se ressurgirem as ideias iluministas da igualdade, liberdade, fraternidade, espelhadas no manto da globalização. O mundo tornou-se virtual e, todos os dias, a infernal violência da mídia coloca diante da pessoa as informações com espantosa rapidez. No mundo virtual, também as organizações e as pessoas que não se engajam nessa virtualidade ficam obsoletas. É o que ocorre com a economia, com a informação científica e com a formação. (CIMADON, 2008, p.30)

Dentro da Escola e de distintas escolas, os professores, cada vez mais, comunicam-se pela rede eletrônica aceitando ou não, compreendendo ou deixando de compreender a educação a qual acaba atuando como formadora para a globalização e para o mercado, correndo o risco de não cumprir com seu papel mais importante: ser formadora para a solidariedade. Tanto quanto nos outros ambientes sociais, cabe à educação a tarefa de facilitar um forte sentido de comunidade como condição de sobrevivência neste mundo turbulento e complexo.

Sob a ótica do pessimismo, as transformações parecem indicar um planeta fraturado. Todavia parece muito mais importante alargar os horizontes e desenvolver uma visão integral mais amplamente educativa, curativa, orientativa e disciplinadora.

Erroneamente o contexto em que a sociedade está envolvida é frequentemente compreendido como lugar e tempo de crise para a qual parece não haver luz no fim do túnel e que a única atitude possível pareça ser a de:

Continuamos a fazer as mesmas perguntas fantasmas que, como se sabe, ninguém responderá... Em que sonhos estamos mantidos, entretidos com crises, ao fim das quais sairíamos do pesadelo? Quando tomaremos consciência que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma

civilização? Participamos de uma nova era, sem conseguir observá-la. Sem admitir e nem sequer perceber que a era anterior desapareceu (FORRESTER, 1997, p. 7 – 8).

Eis que, do ponto de vista da mística, o que se experimenta não é um processo de crise, pelo contrário, como se lê na *BÍBLIA SAGRADA*, no livro de Judite:

O Senhor, nosso Deus nos está pondo à prova, como ele fez com os nossos antepassados, e nós devemos agradecer isso a Ele. Lembrem-se do que Deus fez com Abraão e de como Ele pôs Isaque à prova, e do que aconteceu com Jacó na mesopotâmia da Síria, quando ele estava tomando conta das ovelhas de Labão que era seu tio por parte de mãe. Deus não está se vingando de nós, nem nos está fazendo passar por uma prova de fogo tão dura como aquela que passaram os nossos antepassados. É para corrigir os que o adoram que o Senhor castiga (JUDITE 8,26-27).

Entrementes, parece natural que o ser humano, em todos os tempos, tenha experimentado o medo do novo. Assim lemos na Sagrada Escritura:

Ouçã, Israel: Hoje você está atravessando o rio Jordão para conquistar nações maiores e mais poderosas que você, cidades grandes e fortificadas até o céu. Os enacim são um povo forte e de grande estatura. Você os conhece, porque ouviu dizer: ‘Quem poderia resistir aos filhos de Enac?’ Por isso hoje você ficará sabendo que Javé seu Deus vai atravessar na sua frente como fogo devorador (DEUTERONÔMIO 9,1-3).

A preocupação relatada no texto em referência não é única nem exclusiva. Pelo contrário, repete-se diversas vezes na história do Povo de Israel, reaparecendo, nas mesmas proporções em que se pode compreender a metamorfose civilizatória contemporânea. O último livro da Bíblia sentencia: “Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Sim! As coisas antigas desapareceram!” (APOCALIPSE 21, 1.4c).

De fato, o novo (metamorfosado) surge diante do olhar atônito da humanidade com a mesma dimensão de espanto que tomou conta do próprio ser humano quando este se deu conta da sua existência sobre a face da Terra. Tal feito se constitui, segundo SULLIVAN, “um momento transformador para a Terra, bem como para si mesmo”(2004, p. 315). Admitir a complexidade metamorfofísica que se está vivendo levará a sociedade a se sentir como astronautas perplexos e encantados. Realidade percebida na mesma proporção que se expressou o primeiro homem a pisar na Lua:

À noite, a terra parece mais mágica ainda do que durante o dia. Sempre há uma tempestade desabando em algum lugar. Os clarões dos relâmpagos, às vezes, cobrem até um quarto do continente. No começo, vemos isso como uma perturbação natural, a erupção de salpicos é um espetáculo majestoso (SULLIVAN, 2004, p. 391).

O enigma transformador que se está vivendo alcança todas as realidades humanas. Além do fato descrito pelo Papa BENTO XVI na sua mensagem para o 45º dia mundial das comunicações sociais, no ano de 2011, há que se admitir a metamorfose climática, cujas consequências são amplamente conhecidas e de efeito indubitável. Nesse sentido, a CNBB, com as reflexões propostas para a Campanha da Fraternidade de 2011, afirma:

Nos dias de hoje é visível que mudanças climáticas estão em curso: a temperatura está mais elevada, temporais por toda a parte, vendavais, longas estiagens... Para alguns estas alterações são resultantes de um processo natural do planeta, enquanto grande parcela as relaciona com as atividades empreendidas pelo ser humano após a implantação do atual sistema de produção. (TEXTO BASE, CF 2011, p. 15).

Esta transformação sobre a qual trata a Campanha da Fraternidade é também admitida por diversos outros estudiosos, os quais manifestam preocupação, medo ou até indicam alternativas e apontam responsabilidades. Nesse sentido se expressa Boff: “Atualmente os danos são planetários, afetando o solo, o ar, as águas, o clima, a flora, a fauna e a qualidade da vida humana”(2008 p. 41). Há os que preferem qualificar tais alterações como a era do antropoceno⁵. Este termo introduzido no vocabulário por Paul Crutzen⁶, quer indicar a mudança na composição atmosférica com consequentes mudanças para toda a civilização. Independente de quem seja a responsabilidade ou culpabilidade por estas mudanças climáticas, há que se admitir a existência de uma diferenciação substancial e que elas sejam decorrentes de processos naturais ou advindas da reengenharia de produção.

Do ponto de vista das relações humanas, a sociedade experimenta o que os Meios de Comunicação Social (MCS) chamam de “epidemia da liberdade”⁷. Na reportagem em questão, os movimentos de luta por democracia são denominados saudáveis vírus que causam transformações imprevisíveis e que não são liderados por nenhuma personalidade, instituição, nem potência política ou econômica. As manifestações assim qualificadas estão recentemente presentes na chamada “primavera Árabe”, mas também se fazem notar sob outras configurações em todas as partes do mundo. São populações inteiras mobilizadas que pleiteiam mudanças em todas as esferas da sociedade organizada. Sem sombra de dúvida as denominadas “redes sociais” têm influência decisiva nestes processos de mobilização popular que provocam sempre novos processos metamorfósicos.

No campo da educação, não se pode negar que mudanças significativas acontecem cotidianamente e transformam as relações institucionais e educativas bem como toda a

⁵ <http://www.gluon.com.br/blog/2008/01/26/antropoceno-clima-ecologia/>, acesso em 14/04/2012.

⁶ Ganhador do Nobel de Química 2000.

⁷ Matéria de capa da revista Isto é, número 2155, 02 de março 2011.

comunidade nelas envolvida. Talvez a mais importante metamorfose que se pode nomear nesta área é o avanço das NTCI que alavancam, sobretudo, os processos de EAD. A referência específica da metamorfose que se percebe na educação a distância diz respeito muito especificamente ao voto de confiança na maturidade dos que aderem a esta forma de troca de aprendizado. Trata-se com toda a certeza de uma transformação no modo de ver e fazer acontecer a educação uma vez que os envolvidos nesta arte estão fisicamente longe do que se chama “disciplina, ordem, horário, sala de aula, professor, etc. e humanamente muito próximos e disciplinados, ordenados, conectados, a partir das suas próprias convicções e responsabilidade”. No mundo globalizado as iniciativas de EAD são portadoras de transformações antes nunca vistas na dinâmica do ensino/aprendizagem.

Neste sentido, a metamorfose civilizatória que se está experimentando é, segundo GERREIRO, “uma crise da crisálida, espasmos de uma véspera de parto, do nascimento de uma nova consciência para um novo existir”(2003, p.11). Desse modo é importante compreender que denominar essas circunstâncias como crises implica não se deixar amedrontar como quem acha que não existe mais saída. As crises que se manifestam com a metamorfose são melhores compreendidas com a seguinte afirmação: “uma crise é uma oportunidade para a reflexão sobre ela, o que propicia a construção de uma experiência”. (TESCAROLO, 2004, p. 16).

Que o dia seguinte é sempre construído sobre o ocaso do precedente e que deixa aquele como espécie de “brasas sob cinzas” é uma verdade aceita e explicada, mas nem sempre compreendida. A afirmação de que outro mundo é possível se sedimenta na maneira como se vive o presente, e neste sentido o diferente exige uma quebra de paradigmas.

Sempre que paradigma for compreendido como conjunto de convicções determinantes para a percepção das realidades e da capacidade de interagir com elas, mais será possível entender que a complexidade característica do processo transformador pelo qual passa a civilização contemporânea é marcada por aspectos não previsíveis.

Neste sentido fica mais fácil compreender o conceito de complexidade como uma forma de pensar as realidades e as relações do todo e das suas partes. Aceitar tal condição implica em desmistificar o que se tem ordenado na forma de saberes hierarquizados, dependentes tidos como pré-requisitos para outra ordem de conhecimentos.

Tal situação é descrita por TESCAROLO:

Surgiu daí a hipótese de que a sociedade humana estaria sendo submetida a uma transição de paradigmas, ideia que recebeu a contribuição de Boaventura Souza Santos, A crítica da Razão indolente, que o autor sugere que o antigo conhecimento, sendo um guia fraco, precisa ser substituído por um novo conhecimento, demandando com isso uma “ciência da turbulência, sensível às novas exigências

intelectuais e políticas de utopias mais eficazes e realistas do que aquelas pelas quais vivemos no passado recente” (2004, p.17).

O advento do terceiro milênio Cristão se desenrola sob o signo da incerteza. Contradições, urgências, orientações, sobre como será e como se comportar na sociedade do amanhã são evidentes e exigem ser consideradas como vertiginosas transformações diante das quais não é possível permanecer inerte. Diante da complexidade da metamorfose civilizatória, urge pensar na linha do que já afirmou Santo Agostinho: “Tempos difíceis, tempos horríveis, dizem os homens. Mas os tempos somos nós! Tais somos, tais os tempos!”

A metamorfose, que se está procurando compreender, é também descrita pelos Bispos da América Latina e do Caribe, quando afirmam:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. Surge, hoje, com grande força, uma sobrevalorização da subjetividade individual. Independentemente de sua forma, a liberdade e a dignidade da pessoa são reconhecidas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas da sexualidade, da família, das enfermidades e da morte. (AP. 44, 2007).

Mesmo admitindo que o processo de transformação que se delineia no decurso do terceiro milênio possa ser denominado como “vale de lágrimas”, não tenha outro desenlace que este seja a humanização como contraponto da ditadura de mercado que emerge dos processos de globalização. Indo bastante além do que dizem os bispos da América Latina, nas declarações a que já se fez referência, existe uma corrente de pensadores convictos de que outras formas de relações irão prevalecer se sobrepondo as ideologias consumistas e tecnicistas destes tempos. Tal convicção se materializa na afirmação de PAULO FREIRE:

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como uma espécie de mal estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo genteficado serão armas incalculável alcance (In DOWBOR, 1997, p. 248).

A angústia Freiriana, como se disse, tem alcance ainda maior do que a preocupação da Igreja na América Latina, no sentido que aquela se concentra nas questões inerentes à pessoa

na sua individualidade e a partir do que se chama moral pessoal. A globalização da solidariedade é muito mais exigente do que “baixar a cabeça e agradecer a Deus porque ainda está vivo” (DOWBOR, 1997, p. 251). Em todas as relações humanas, e obviamente também no mundo da educação parece necessário

Não se deixar aterrorizar perante o que está desabando, lançando um olhar incluso e atento para o que nasce dos escombros. Lição da Fênix, que transforma cinzas em asas, e do lótus, que transmuta lama em flor. Se não podemos evitar a demolição em pleno curso, ainda é possível nos preparar para a tarefa da reconstrução (GERREIRO, 2003, p.11).

De fato, esta nova configuração reconhecida nas NTCI, nas brutais mudanças climáticas, nas novas organizações e manifestações sociais, nos novos métodos de ensinar e aprender, que se está denominando de metamorfose civilizatória caracterizada de modo particular pelos desafios da globalização em todos os níveis:

É de tal modo radical e abrangente que pode de fato significar uma verdadeira “mutação antropológica”, justificando o clamor da socióloga francesa Viviane Forrester: em que sonhos estamos mantidos, entretidos com crises, ao fim das quais sairíamos do pesadelo? Quando tomaremos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma civilização? (TESCAROLO, 2004, P. 21).

A sociedade que poderá ser construída desde essa experiência será totalmente nova em todos os aspectos, estabelecendo outros paradigmas os quais podem ser definidos como “globalização da solidariedade”. “Todavia esse movimento não acontecerá espontaneamente” (TESCAROLO, 2004, p. 23).

Sabidamente afirma CAPRA:

Quando olhamos para o mundo à nossa volta, percebemos que não estamos lançados em meio ao caos e à arbitrariedade, mas que fazemos parte de uma ordem maior, de uma grandiosa sinfonia da vida. Cada uma das moléculas dos nossos corpos já faz parte de outros corpos - vivos ou não - e fará parte de outros corpos no futuro. Nesse sentido nosso corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua. (2005, p. 82).

Independente das convicções religiosas, mas certos de que o ser humano tem necessidade de reconhecer sua limitação e finitude, bem como pequenez diante do transcendente e inexplicável, é perfeitamente aplicável a palavra do papa BENTO XVI:

A primeira afirmação fundamental é, pois, a seguinte: Só quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano. A verdade dessa tese é evidente ante o fracasso de todos os sistemas que colocam Deus entre parêntesis. (DI 3, 2007).

Neste sentido, o educador tem uma responsabilidade indescritível que consiste em desenvolver uma consciência capaz de, apesar da lógica da globalização destrutiva, combiná-la com qualificações críticas para resistir a toda forma de despersonalização dos sujeitos.

No contexto das instituições, também as escolas e os educadores acabam sendo quase que domesticados para preparar a próxima geração para as necessidades do mercado global. Essas contradições deixam os educadores contemporâneos confusos em relação a sua fidelidade e a seu trabalho. É aqui que a espiritualidade do educador se aplica ao ensino transformador e torna-se relevante para a situação.

A Bio mudança rápida, intensa e profunda pela qual passa a civilização contemporânea provoca todos os segmentos a apontar alternativas para os desafios em questão. Diante dessa complexa transformação da sociedade que afeta todos os setores e aponta para uma nova forma de relações que se qualifica por metamorfose civilizatória, não pode haver lugar para o medo, nem tampouco a indiferença, pelo contrário,

Frente a essa forma de globalização, sentimos forte chamado para promover uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos (APARECIDA, 64, 2007).

Diante de transformações paradigmáticas, cuja produção e gestão de conhecimentos dão origem a novas oportunidades, novos e muitos problemas, parece claro que a formação docente está exigindo uma nova trajetória a qual, segundo definição da UNESCO, “*implica a aquisição de conhecimentos, atitudes, habilidades e condutas intimamente associados ao campo profissional*” (apud INBERNÓN, 1994, p.13).

Esta realidade faz parte da preocupação de pensadores e educadores, os quais indicam ser necessário e importante valorizar mais que os conteúdos e a produção a própria pessoa do educador:

A produção não material coincide com a produção espiritual, não é outra coisa senão a forma pela qual o homem aprende o mundo, expressando a visão daí decorrente de distintas maneiras. Eis por que se pode falar de diferentes tipos de saber ou de conhecimento (SAVIANI, 2003, p.7).

Nesse sentido, faz-se necessário aliar o uso de novas tecnologias a princípios éticos capazes de apontar que um “novo mundo é possível” e que este seja um mundo no qual o ser humano não possa ser qualificado com a clássica expressão de Thomas Hobbes: “*homo homini lúpus est*” ou a máxima de Kiekgaard: *O ser humano se compara ao ouriço, sozinho morre de frio, aproximando-se se espetam* e que, pelo contrário, aproxime-se da profecia de

Luther King: “Ou vivemos todos juntos como irmãos, ou morremos todos juntos como idiotas” (http://pensador.uol.com.br/frases_de_mather_luther_king/6/, acesso em 14/04/2012).

Deixar de considerar a mística do educador na complexidade da metamorfose civilizatória seria ignorar uma verdade já aceita por outras gerações e sociedades e que pode ser expressa com as palavras de PLUTARCO⁸:

Podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura de letras. Mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu.

Considerado o contexto da metamorfose civilizatória que alcança todas as organizações do mundo, colocando-as diante de exigências complexas, sugere atitudes nunca antes vistas e que pode se descrita assim:

Proponho a hipótese de que todas as principais tendências de mudança que constituem este mundo novo e confuso são relacionadas entre si, e que essa inter-relação pode ser compreendida. E acredito, sim, apesar de uma longa tradição de erros intelectuais que tiveram, às vezes, consequências trágicas acredito que a observação, a análise e a teorização são um dos meios de que dispomos para construir um mundo diferente e melhor (Apud CAPRA, 2005, p.142).

Na perspectiva do trabalho torna-se importante “discernir os sinais dos tempos”. Será o claro discernimento destes sinais, a que se chama de sagacidade, que facilitará a construção de um mundo diferente e melhor, segundo descreve CAPRA. É neste sentido que ganha espaço e atualidade a expressão dos Bispos da América Latina e do Caribe quando afirmam:

A novidade destas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm um alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente são caracterizadas como fenômeno da globalização. Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta.

Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também naturalmente a religião.(APARECIDA. 34 e 35, 2007).

⁸ Escritor grego (125-50 AC.)

Partindo dessa compreensão de metamorfose aborda-se a seguir a mistagogia na formação docente como uma perspectiva possível para a sobrevivência neste mundo que se delinea, em decorrência da complexidade de tal processo.

3 FORMAÇÃO CONTINUADA DO DOCENTE: UMA RESPOSTA POSSÍVEL

A metamorfose civilizatória realiza uma quebra e uma criação de paradigmas como nunca antes visto para formação docente. Sob esta ótica a educação exige ser vista dentro de um contexto planetário que não se resume a simples adoção de novas tecnologias e de readequação curricular. Há que se levar em conta que a finalidade da educação é promoção da plena dignidade do ser humano a qual consiste em reduzir as zonas de incertezas alargando a margem de segurança.

A complexidade de que se reveste a civilização moderna não é e não pode ser vista como aterrorizante ou anti-humana, pelo contrário, na medida em que for conduzida para a liberdade com maturidade, levará o ser humano a alcançar seus legítimos interesses e sua real posição no seio desta sociedade complexa e mutante. Daí que já não basta esperar que o futuro aconteça, tal como em tempos de cerceamento das liberdades. É importante compreender que o futuro não está nas mãos da sorte, mas ao alcance daqueles que o realizam. E, para que isso seja viável, um dos caminhos imprescindíveis é a formação do professor.

O modo e o que levar em conta na formação docente se constitui num elemento de particular importância para que a escola vá se tornando um espaço reflexivo e aberto a novos processos de aprender e ensinar. Aos professores se deve dar a oportunidade e ao mesmo tempo se espera mentalidade aberta, responsabilidade e entusiasmo, condições mediante as quais se torna mais fácil o enfrentamento contra a rotina e abertura para a curiosidade, a renovação e a criatividade.

As expectativas de respostas para descontinuidade dos problemas relativos aos processos formativos capazes de valorizar o SER do professor não poderão se resumir a iniciativas isoladas. Nem, tampouco, individualizadas seja de instituições, seja de professores, por mais que se constituam experiências positivas estas não serão suficientes para responder às exigências que se apresentam em proporção global no tocante a docência, ao ensino e a aprendizagem.

É necessário ter presente a formação continuada como uma resposta possível para que a educação adapta-se ao novo mundo que está surgindo e responda, prioritariamente, sobre o porquê e para quem ensinar antes de o que ensinar. Nesse sentido, GUERREIRO afirma:

Qual o ser humano que queremos formar? Como pensar a formação de educadores, em mundo no qual predomina padronização, a mercantilização do ensino e a preocupação exclusiva da formação de profissionais para o mercado de trabalho? (2003, p. 27).

E continua:

Temos desafios sócio-econômicos, políticos, culturais e ideológicos, e como preocupação central deste trabalho, um desafio de resignificar a educação, de resgate da dimensão espiritual, contemplativa, intuitiva do ser humano (2003, p. 31).

É neste sentido que está voltado o projeto de pesquisa: o Ser Professor exige acima de tudo considerar a condição de SER PESSOA, o que se denomina Mistagogia da docência. A afirmação de Guerreiro se faz reconhecida na medida em que se observa a docência a partir da matéria prima de que é feita.

Sob esta ótica a formação docente levará em conta que o professor é muito mais do que um transmissor de conhecimentos e um preparador para o trabalho. Considerará questões de solidariedade, fraternidade, justiça, bem querer, conduta ética, paixão. Dito isso se evidencia que a formação mistagógica de docentes vai muito além do utilitário, do racional, do pedagógico e da apropriação de conteúdos. Sobre isso, Nóvoa afirma que a formação não: “Se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal” (1995, p. 25).

Nessa mesma direção está a convicção de que:

É por meio do conhecimento profissional e pessoal que os professores constroem caráter, maturidade e outras virtudes em si próprios e nos outros, transformando suas escolas em comunidades morais (HARGREAVES, 2004, p.80).

E ainda o mesmo autor diz o que se espera do professor na sua práxis como docente:

Dos professores, mais do que qualquer outra pessoa, espera-se que construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a transformação, essenciais à prosperidade econômica. Ao mesmo tempo, os professores devem mitigar e combater muitos dos imensos problemas criados pelas sociedades do conhecimento, tais como o consumismo excessivo, a perda da comunidade e o distanciamento entre ricos e pobres (HARGREAVES, 2004, p.80).

Ou seja, os educadores precisam conviver com um cotidiano capaz de alimentar sonhos e partilhar esperanças. Nessa direção entram as palavras de Chalita quando afirma que o educando:

(...) precisa de alma, de alguém capaz de auxiliá-lo na arte de gerenciar sonhos ou ainda o mundo precisa de educadores por meio dos quais as crianças possam desenvolver e compartilhar o afeto e a esperança pela vida e pelo ser humano com criatividade e com pensamento crítico (2006, p. 11).

Para tratar da formação docente, a primeira clareza que é preciso estabelecer consiste em percebê-la como um fenômeno complexo e que inclui dimensões pessoais de desenvolvimento humano muito além do que técnicas. Em outras palavras, tem a ver com “vontade”. Formação consiste no enriquecimento da competência, todavia, esta não exclusivamente técnica e acadêmica, mas acima de tudo pessoal e humana:

O primeiro problema e a primeira solução da educação são os professores. Problema, porque a educação foi subtraída aos agentes pessoais e às instituições educativas, para ficar nas mãos dos poderes anônimos, de uma sociedade na qual a economia e a política regem como fatores soberanos diante daquelas outras ordens, que são igualmente essenciais para orientar e conformar a vida humana: a cultura, a ética, a religião. Mas os professores são também a primeira solução: a lucidez intelectual e a coragem moral, a razão teórica e o empenho profissional, o exercício crítico e a proposta cultural de cada um em seu posto de trabalho diário e de todos como consciência social e moral são a condição necessária para superar uma invasão ideológica e subtrair-nos a uma decadência do pessoal que está ameaçando a vida humana (BUIRAGO, 2008, p. 9-10).

A formação de professores implica um processo de mudança que desenvolve estratégias e competências tendo o desenvolvimento pessoal como eixo da formação. A máxima “se queres ser um bom professor faça com que os outros sejam bons”, aplica-se integralmente ao conceito de formação de professores. Isso obviamente exige superar a visão tecnicista da educação. O professor não se resume a ser um técnico, mas antes de tudo ele é um construtor. Tal realidade implica colocar em praticar novas ideias dentro um processo colaborativo. Parece ser esta a ótica com que Hugo Hassmann trata a formação continuada de docentes:

Precisamos de algo mais inovador do que os debates confinados em esquemas ideológico-políticos que já se revelaram incapazes de gerar entusiasmo pela vocação de educar (HASSMANN, 2002, p. 109).

Nesse sentido, é possível falar em ‘Andragogia’, isto é, arte e ciência de ajudar adultos a aprender. Professores que não experimentam um processo transformador na sua prática pedagógica correm o risco de alcançar a maturidade cobertos de frustrações naquilo que se poderia chamar de período da “generatividade”, a saber: etapa da vida na qual o educador pode olhar para a sua trajetória e perceber a evolução que se deu no processo de ser pessoa e de ser professor.

Com certeza, os desencantados serão para os mais jovens um desestímulo. É ainda Hassmann quem insiste na necessidade de “Reencantar a Educação”. Segundo ele a educação precisa ser algo gostoso, atrativo, entusiasmante e, para que esta realidade aconteça, será

necessário que a civilização decorrente do processo de metamorfose seja um sociedade sem excluídos:

Uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social (HASMANN, 2002, P. 29).

A rigor, o processo de formação continuada de docentes se constitui na construção do professor em sintonia com a sua prática que, ao mesmo tempo, caracteriza-se por uma atividade realizada com alegria, transformando-a numa atividade apaixonante: “Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer” (HASMANN, 2002, p. 29).

Libânio (2006) aponta a reflexividade como ponto fundamental para a análise das práticas formativas, sejam elas relacionadas ao próprio professor, sejam aplicadas à formação de outros. O termo ganha uma amplitude muito significativa na medida em que a expressão é entendida como relação direta com as situações práticas, o que estabelece uma dialética entre teoria e prática

A reflexividade é a capacidade de voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção. Supõe a possibilidade, ou melhor, a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido para enriquecer e modificar não somente a realidade e suas representações, mas também as próprias intenções e o próprio processo de conhecer (in PIMENTA, 2006, P. 56).

A proposta de Libânio (2006) para a formação de docentes vai além da preparação para o trabalho e a aquisição de instrumentais conteudistas, didáticos e pedagógicos que visem primariamente à transmissão de conhecimentos. Precisamente, por se tratar de formação continuada, dela se espera a criação de novos paradigmas que apontem para um aprendizado que se estenda ao longo da vida. Isso implica a formação de um novo tipo de profissional que pode ser qualificado como alguém transformador da realidade. Nesse sentido é clara a afirmação de Gadotti, referindo-se à missão da escola:

Amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; cabe-lhes selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (inovar); ser provocadora da mensagem e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimentos elaborados. E mais numa perspectiva emancipadora da educação a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos. Não discriminar o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. Numa perspectiva emancipadora da educação, a tecnologia não é nada sem a cidadania (2000, p.251).

O que o autor descreve como sendo a missão da escola, não é outra coisa senão objeto de interesse na formação docente, sob a perspectiva da metamorfose civilizatória. Tem-se a convicção de que uma necessidade da qual não se pode prescindir será fazer investimentos na formação considerando o professor na sua vivência de trabalho coletivo; no contexto do ser professor desde a sua prática teorizada e vice-versa. E que parta para ensinar partindo das demandas dos alunos e da sociedade.

O professor será tanto mais coerente com a sua missão quanto mais incorporar a postura de investigador em seu trabalho cotidiano na escola e na sala de aula. Posto isso, vai ficando clara a compreensão que formar professores é uma tarefa bastante complexa e que mais do que responder ao “O QUE” será necessário responder ao “COMO” do processo. Este salto de uma para outra pergunta poderá facilitar a compreensão do que significa formar professores mistagogos e agentes de mudança na educação.

A questão da formação para a “mistagogia,” cuja compreensão será tratada no capítulo terceiro, tem o intuito de ajudar a perceber que a proposta adquire uma impostação particular e bastante nova no mundo da educação. O vocábulo é conceituado e descrito como uma nova feição em relação à formação e às políticas públicas para as quais todos são chamados a se voltar quando se trata de estabelecer um processo formativo na educação. No conjunto do texto, é possível perceber que uma coerente política de formação de professores exige superar a mera transmissão de conhecimentos e tende necessariamente a se abrir para uma nova forma de ver o sistema educativo como instrumento formador de cidadãos integrados e integradores.

No decorrer do processo formativo e ao longo do exercício profissional, mais do que receptáculos de conteúdo, os educadores merecem ser reconhecidos e tratados como pessoas antes que vistos na condição de profissionais

A questão da formação do docente é parte de um complexo conjunto de fenômenos formativos e ainda não suficientemente esclarecidos. Muito além de transmissão de conteúdos e técnicas, o processo formativo exige envolvimento por inteiro do formando. Trata-se de uma dimensão pessoal que tem a ver com vontade humana e implica mudança pessoal e comportamental.

A formação continuada é um dos pilares da renovação da educação e que, nesse sentido, deve consistir numa matriz disciplinar. Parece oportuno entender a expressão matriz disciplinar muito mais abrangente que a restrita compreensão de componente curricular. Este conceito vai se repetindo ao longo do trabalho mediante a convicção de que o professor ensina muito pela sua experiência de vida, isto é, ensina desde a sua condição de mistagogo.

A formação continuada que se espera deveria contemplar a formação como um enriquecimento de competências não exclusivamente acadêmicas. Em outras palavras a formação é um processo que necessariamente não acaba no docente. E aí se delineia a imagem do professor que se aproxima do modelo eficaz, sendo um ser humano com todas as vicissitudes próprias da sua condição, mas que se forma em vista do outro, a partir do que se poderia dizer que a formação de professores estabelece uma “pedagogia de resultado”.

Então está suficientemente claro que o desenvolvimento integral da pessoa se constitui no eixo da formação docente e um bom professor será aquele que caminha na direção de ser sempre mais um facilitador para criar condições de aprendizagem nos seus alunos a quem ele conhece na integridade. Esta figura não está longe do modelo de filósofo criado por Sócrates (470–399 a.C.) com a maiêutica e a ironia situação na qual por meio da “perguntação” o sábio conduzia seus discípulos ao parto do conhecimento.

Nesse sentido, é mais fácil compreender o professor para além da sua condição técnica, mas construtor, como diria outro autor um “polidor de corações”, pois é das mãos do professor que nasce o ser humano. Então, para aquele que deseja ser bom professor pede-se pouco: “fazer o que fazem os bons mestres”, isto é, ser um mistagogo da educação. A formação entendida como processo de mudança consiste na aplicação das novas ideias que se configura num processo de desenvolvimento pessoal e profissional envolvente. Nesse contexto, todo o processo formativo passa pelo viés da colaboração e aí se aplica a expressão: “andragogia” – arte e ciência de ajudar adultos a aprender.

Ajuda na compreensão desses conceitos as palavras dos bispos da América Latina e do Caribe:

A América latina e o Caribe vivem uma particular e delicada emergência educativa. Na verdade as novas formas educacionais de nosso continente, impulsionadas para se adaptar às novas exigências que se vão criando com a mudança global, parecem centradas prioritariamente na aquisição de conhecimentos e habilidades que denotam claro reducionismo antropológico, visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado. Por outro lado com frequência, elas propiciam a inclusão de fatores contrários à vida, à família e a uma sã sexualidade. Desta forma, não manifestam os melhores valores dos jovens nem seu espírito religioso; menos ainda lhes ensinam os caminhos para superar a violência e se aproximar da felicidade, nem os ajudam a levar uma vida sóbria e adquirir as atitudes, virtudes e costumes que tornariam estável o lar que venham a estabelecer, e que os converteriam em construtores solidários da paz e do futuro da sociedade (APARECIDA. 328, 2007).

Sugere-se que a formação continuada estabeleça um processo de transformação capaz de alimentar o sonho dos educadores para a maturidade. Fora dessa perspectiva, o alcance do processo formativo fica longe da prática pedagógica e normalmente não corresponde à

expectativa dos formandos. Em consequência, os conteúdos formativos também não atingem os objetivos a que se propõe.

Nesse sentido, a formação mistagógica do docente se apresenta como alternativa no processo de formação continuada que abraça todas as dimensões da sociedade (economia, política, humanidades). Esta condição dará ao processo formativo uma nova configuração, isto é, ao perguntar-se sobre quais saberes são necessários há que se responder em primeiro lugar a partir de onde o docente está fazendo esta pergunta e mais ainda para onde ele quer caminhar com tais questionamentos.

A prática da docência está inserida numa conjuntura social que se modifica à velocidade da luz e que exige sempre novas respostas. Sob esse ponto de vista, os profissionais da educação têm inumeráveis novos desafios e por que não dizer de necessidade de novos saberes. Assim clareia a compreensão que os profissionais da docência necessitam desenvolver e promover saberes que alcancem o campo da cientificidade daquilo que especificamente se propõe ensinar sem, contudo, descuidar de saberes que se ampliem para as demais ciências sociais e do conhecimento do ser humano.

Aceitar ser avaliado por quem partilha dos mesmos ideais e angústias é um elemento importante, posto que esta condição ajudará o professor ampliar sua bagagem de conhecimento que se estenda para além da tecnicidade. Uma abertura para formação continuada será muito mais do que aprender para colocar em prática. Bastantes vezes a formação se resume à aquisição de novas técnicas e quiçá métodos para ensinar, o que, com absoluta certeza, não pode ser entendido como formação continuada. Formação continuada expressa muito mais que o professor merece. É estar sempre pronto a adquirir novos saberes que o projetarão para novas aventuras na “arte da docência”.

Os questionamentos da contemporaneidade, o advento de novas tecnologias e de incontáveis outros desafios gerou no mundo da docência uma crise, diria sem precedentes. Crise no sentido de quebra de referenciais, uma vez que os chamados saberes estáveis foram sendo desqualificados ou, em outras palavras, cotidianamente superados.

Essa crise, como já se falou na conceituação de metamorfose, não pode ser tomada sob a ótica do pessimismo ou como uma situação necessariamente negativa, mas parece ser uma crise no sentido do acrisolamento que provoca mudanças e aponta para novas perspectivas. Experimentar esse tipo de crise faz com que os profissionais da docência tenham a determinação para questionar o tipo e os limites de formação oferecida pelas instituições, posto que estas também vivenciam os conflitos que permeiam toda a sociedade. Parafraseando

Kant (1724 – 1804), pode-se dizer que os questionamentos em torno da docência se comparam a um processo que exige despertar do sono dogmático da razão profissional.

O complexo mundo da formação continuada aponta para o que se chama epistemologia da prática profissional ou o conjunto de saberes dos quais o docente se utiliza para o trabalho cotidiano. Esse processo consiste em constante reconstrução e reordenamento de competências visando responder às novas exigências e aos novos desafios. Nessa linha o trabalho vai se tornando uma construção e não um mero objeto. Quanto mais o profissional reduzir sua condição de educador à dimensão da praticidade, mais ele alarga a possibilidade de se tornar um “idiota do conhecimento”, que não é capaz de recompor o repertório dos saberes.

Um elemento importante a ser considerado no que concerne aos saberes é a história de vida, aquilo que aprendeu por osmose. Mas, na medida em que nesta altura encontrar limite o aprendizado, deixa de ser transformador e, conseqüentemente, perde parte significativa da sua razão de ser.

Nessa perspectiva, a afirmação de Nóvoa (1992) “Identidade consiste em ser e sentir-se professor” culmina com a “construção de maneiras de ser e de estar na profissão” cuja abrangência é muito maior do que o puro exercício da docência em regência escolar. Ser e estar professor implica a compreensão profissional capaz de superar a dicotomia entre transmitir conhecimentos e produzir saberes (regência e pesquisa). Essas circunstâncias se aproximam da compreensão da sociedade em contínua transformação na qual a identidade docente, de modo algum, pode ser compreendida como algo estático, fixo e não suscetível de mudanças.

O desafio que persegue a formação continuada é facilitar ao educador acompanhar o ritmo veloz das transformações do mundo contemporâneo. Ser professor e dar significado à docência é uma arte que exige constante avaliação na totalidade do existir como tal, isto é, a formação merece ser vista segundo os valores, história de vida, representações, saberes, angústias, anseios e sentido que tem o professor em sua vida.

Outra verdade a ser considerada exige das universidades e cursos de formação de professores que sejam efetivamente lugares de preparo de professores para muito além do que já denominamos regência de classe. Os cursos de formação para o magistério precisam desconstruir a figura do professor não-pesquisador e sem produção própria, criativa e continuada.

A condição de eterno aprendiz parece ser a única possível para os assim chamados “egressos” no sentido que a “saída” do campo da aprendizagem nunca acontece de modo

definitivo. A globalização, por meio da rede de informações, desafia professores e alunos a permanecer em cotidiana busca de novos saberes, novas metodologias, outros recursos e verdades mais adequadas para cada contexto.

4 MÍSTICA E MISTAGOGIA: DELIMITANDO CONCEITOS

A condição para apresentar uma resposta à pergunta que permeia a razão desta pesquisa: Em que medida a mística, como parte da formação permanente, poderá colaborar com a práxis docente, pede que antes se conceitue os vocábulos Mística e Mistagogia e aplique-os a educação e formação continuada de docentes, uma vez que tal aplicação é ainda inédita neste contexto. Destarte é importante se delongar em alguns conceitos para os dois termos.

Segundo Moiola, mística,

Tenta assinalar o momento ou nível de experiência religiosa em que se vive determinado mundo religioso como experiência de interioridade e de imediatez. Poder-se-ia também, talvez melhor ainda, falar de experiência religiosa particular de unidade-comunhão-presença e não reflexão, contextualização, racionalização do dado religioso vivido (In. Dicionário de Espiritualidade, 1993).

Nesse sentido, se pode dizer que Mística significa um envolvimento no mistério do absoluto, do totalmente outro, do transcendente e que qualquer pessoa, mesmo no mais corriqueiro cotidiano, busca um campo que seja mais amplo do que o mundo científico fechado, intelectual, e que se manifeste como “cura interior”. A aspiração mística é inerente ao ser humano e em toda a sua história representou uma aventura no sentido de ser “semelhante ao seu criador”. Assim se compreende o conceito:

Mística é uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica, que se desenrola num plano transnacional – não aquém, mas além da razão – e que mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Essas energias elevam o ser humano às mais altas formas de conhecimento e de amor que lhe é dado alcançar nesta vida (LIMA VAZ, 2000, p. 9 -10).

Como se pode perceber a expressão faz referência ao além do ser, do existir e do fazer propriamente humanos e é com esse sentido que se aplica este outro conceito para o termo:

Mística está ligada a ideia de um conjunto de fenômenos extraordinários como visões e êxtases como se fosse privilégio de pessoas especiais. No entanto a experiência de Deus é uma dimensão humana (CASTRO, 2008, p. 19).

Todas estas conceituações apontam para a compreensão de mística desde a subjetividade do indivíduo nas condições em que ela se encontra e por meio da qual é capaz de responder às exigências que lhe aparecem na profundidade do ser pessoa. Mística tem, então, direta relação com mistério, emoção, beleza, verdade, espanto, surpresa. Todas essas

relações aparecem na obra de Albert Einstein: *“Como vejo o mundo”*. Na esteira dessa compreensão, faz-se necessário destacar que mística estabelece estreita relação com uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso na medida em que “deixam-se morrer”, indo ao mais profundo da sua existência.

Tendo presente estas conceituações para o vocábulo é imperioso aceitar que Mística tem muito a ver com Espiritualidade, na medida em que esta expressão seja entendida como opção fundamental e horizonte da existência. Conceito que pode ser encontrado nas doutrinas de Nietzsche (1844 – 1900) o qual teria afirmado que espiritualidade é viver para além de si mesmo. Isso significa entender que a espiritualidade não tem limites. E por isso mesmo ela pode ser definida como:

Acima de tudo, a espiritualidade é paixão. A vida espiritual é uma vida apaixonada. Isso pode não se encaixar bem em uma longa tradição em filosofia e pensamento religioso que vem desde os primeiros estoicos e naquelas variedades de budismo que subestimam as paixões. Eles oferecem libertação do alvoroço emocional, “tranquilidade” e “paz de espírito” Mas deveríamos comparar essa tradição com outra igualmente antiga, embora nem sempre igualmente respeitável, que reconhece as paixões como a própria essência da espiritualidade e também da filosofia (SOLOMON, 2003, p. 175).

Outra pertinente definição para a palavra espiritualidade tem sua inspiração em Marcelino Champagnat, sendo descrita com as seguintes palavras:

O que se entende por espiritualidade? Alguém pode estar perguntando. Vou responder contando a história de um jovem que desejava atingir um alto grau de santidade. Ele se empenhou bastante para conseguir realizar isso, e finalmente foi conversar com seu Mestre. ‘Mestre’, anunciou, ‘Creio que atingi a santidade’. ‘O que o faz pensar assim?’ Perguntou o Mestre. ‘Já estou praticando a virtude da disciplina faz algum tempo e desenvolvi uma grande competência nas duas’, respondeu o rapaz. ‘Do amanhecer ao pôr do sol não como nem bebo coisa alguma. Durante o dia realizo todo tipo de trabalho pesado para os outros e nunca espero retribuição. Se a tentação me ataca, rolo na neve ou nos arbustos espinhosos até que desapareça. E à noite, antes de dormir, submeto-me a antigas práticas de flagelações monásticas e açoito minhas costas. Estou decididamente me disciplinando para ser santo’. O Mestre ficou em silêncio alguns instantes. Em seguida, tomou o rapaz pelo braço e o conduziu até a janela de seu escritório. O Mestre apontou então para um velho cavalo que estava sendo conduzido por seu dono. ‘Venho observando esse cavalo há algum tempo’, começou o Mestre, ‘e tenho percebido que não se alimenta nem bebe nada de manhã à noite. Durante o dia inteiro faz todo trabalho para as pessoas que nunca lhe retribuem isso. Sempre vejo se esfregar na neve e nos arbustos, como é costume dos cavalos, e observo que o dono o chicoteia com frequência. No entanto, eu lhe pergunto: esse cavalo por acaso é santo?’. Moral da história? Espiritualidade significa muito mais nossa gratidão generosa pelo dom do amor incondicional de Deus do que qualquer prática piedosa. Ademais, a gratidão desinteressada é o fundamento de toda virtude. É base do amor e da caridade (SAMMON, 2003, p. 48 – 49).

Não são poucos e nem recentes os autores que afirmam convincentemente que a Espiritualidade é uma manifestação da Mística no sentido que está se falando. A mística como experiência espiritual se constitui sob esse ponto de vista como a própria existência do ser humano. Tal convicção é sustentada por Juliatto, quando diz: “A busca espiritual não diminui as pessoas; pelo contrário, comparável a um tesouro escondido, as enaltece. Somos todos seres inacabados, sempre em formação” (2009, p. 91). Essa é também a compreensão de Frei Betto, quando afirma: “Nenhum ser humano cabe em si mesmo. A inata vontade de transcender-se está diretamente relacionada à possibilidade de transgredir os limites subjetivos e objetivos que o cercam”(BETTO, 2010, p.19).

Decorrente dessa sua compreensão sobre os desejos que residem em todo ser humano, Betto define mística chamando-a de espiritualidade do conflito. Na compreensão desse autor, conflito não significa disputas e lutas internas e externas, mas conflito no sentido que é uma das dimensões da vida que aponta para a transcendência do existir humano. Sob este ângulo escreve:

Predomina ainda entre os cristãos a ideia de que a mística nada tem a ver com a política. Seriam como dois elementos químicos que se repelem. Basta observar como vivem uns e outros: os místicos, trancados em suas estufas contemplativas, alheias ao índice da inflação, absorvidos em seus exercícios ascéticos, indiferentes às discussões políticas que se travam em volta deles. Os políticos, consumidos por infundáveis reuniões, correndo contra o relógio da história, mergulhados no redemoinho de contatos de análises e de decisões que saturam o tempo e não abrem espaço sequer ao convívio familiar, quanto mais à meditação e à oração! (2010, p. 21-22).

E conclui o seu pensamento afirmando que mística é uma dimensão do existir humano, situação que marcou a vida e a história da humanidade.

É interessante constatar que os grandes místicos foram simultaneamente pessoas mergulhadas na efervescência política de sua época: Francisco de Assis questionou o capitalismo nascente; Tomás de Aquino defendeu, em *O Regime dos Príncipes*, o direito à insurreição contra a tirania; Catarina de Sena, analfabeta, interpelou o papado; Teresa de Ávila, “mulher inquieta, desobediente e contumaz” revolucionou com São João da Cruz, a espiritualidade cristã (BETTO, 2010, p. 23).

Em resumo, esse autor entende mística muito além de qualquer técnica que se pareça “banquete nupcial com a divindade”, mas, pelo contrário, trata-se de uma condição que ensina a amar as pessoas com quem se convive, agindo do jeito de Deus. Nessa perspectiva, recorda-se a filósofa e escritora francesa Simone Weil, cuja vivência do amor pode ser entendida como experiência mística do que se chama também espiritualidade encarnada. Nos seus inúmeros escritos Weil fala, do amor sempre fazendo referência ao transcendente, a quem as

religiões monoteístas chamam de Deus. Para ela, o amor é como o sol, o qual ninguém precisa buscar, ele está aí, e o amor é Deus.

Não somos nós que andamos à busca da energia solar: podemos somente recebê-la. É ela que desce até nós. Penetra nas plantas, é sepultada com a semente debaixo da terra, nas trevas, e é ali que alcança a plenitude da fecundação e suscita o movimento de baixo para cima, que faz crescer o trigo e a árvore (WEIL, 1979, p. 82).

Com o mesmo pensamento Boff afirma que mística relaciona-se com experiências, o que faz dela uma condição muito superior a doutrinas e religiões, uma vez que estas mais facilmente falam de Deus e com menor incidência falam a Deus. Confirma esta noção a definição dada por ele para o vocábulo:

Ora, exatamente isso é a mística: experimentar Deus. Experimentar Deus em todo o ser e senti-lo no coração. Dialogar com Ele, chorar diante dele, alegrar-se nele, confiar a Ele a vida e o destino e mergulhar em seu mistério. (BETTO, 2010, p. 40).

Como uma derivação da expressão Mística, o termo Mistagogia diz respeito à capacidade de vivenciar a experiência do mistério ou da espiritualidade que se manifesta no agir cotidiano tal como foi compreendido desde o princípio:

O termo é grego, composto do substantivo *mystes* (mistério), que talvez derive do verbo *myo* (fechar os lábios, estar fechado) e do verbo *ago* (conduzir). Etimologicamente significa a ação de introduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa. Aquele que introduzia, geralmente sacerdote, era chamado *mistagogo*; a pessoa introduzida e iniciada era chamada *mystes* (PESENTI, In Dicionário de Mística, vocábulo Mistagogia).

A expressão que foi coloquial na antiga civilização grega e estava relacionada aos ritos e cultos naturais. Os elementos *mistagogos* e *mystes* eram indispensáveis para que uma situação mistagógica fosse reconhecida e esta se constitua tanto mais aceita quanto maior fossem as verdades ocultas e aceitas como divindades.

Na cultura judaica mistério já não era sinônimo de ocultação, pelo contrário, o vocábulo já dava conotação de revelar aquilo que outrora estava escondido. Assim o Deus dos judeus se dava a conhecer por meio da atitude mistagógica dos responsáveis pelo culto nas sinagogas e nos templos, particularmente sacerdotes e rabinos. A lei e aqueles a quem era dada a autoridade para interpretar se constituíam também em pessoas e condições mistagógicas e mistagogas.

O fenômeno Jesus de Nazaré reinterpreta o conceito judaico tornando-se, Ele mesmo, o revelador do Pai: “Quem me vê, vê também o Pai” (João 14, 9). Afirmando categoricamente sua estreita relação com o absolutamente outro, Jesus se faz reconhecer como mistério e revelador do mistério, dito de outro modo: *mistagogo e mystes*. Tudo o que aconteceu com a pessoa de Jesus foi a concretização da imprevisibilidade de Deus que escolheu se revelar, novamente de forma inusitada.

Nos discípulos que Jesus chamou para que dessem continuação da sua missão estava configurada a realidade mistagógica, seja sob o ponto de vista da ação, seja da representação: “A vocês Deus mostra o segredo do seu Reino” (Marcos 4,11). Além daqueles que conviveram com Ele ou que o conheceram pessoalmente, o Mistagogo do Pai, se deu a conhecer por meio de muitos outros, entre eles Paulo, chamado apóstolo das gentes.

As primeiras comunidades cristãs, também chamadas *kerigmáticas* eram portadoras da mais autêntica revelação de Deus e de tudo o que os povos almejavam conhecer e experimentar. Até, pelo menos, 500 anos depois de Cristo os iniciadores aos mistérios eram conhecidos e denominados com o adjetivo *mistagogos*. Dentre os nomes que mereceram o reconhecimento de tal condição e verdadeiramente foram reveladores, quer por palavras, que pela vida, daquilo que acreditavam, merecem ser citados: Cirilo de Jerusalém, Teodoro de Mopsuéstia, Ambrósio de Milão.

O enrijecimento das normas e o rigorismo litúrgico do qual se revestiu toda a Igreja nos séculos seguintes fez rapidamente desaparecer a compreensão da revelação nas pessoas e no seu testemunho de vida só voltando a reaparecer com a doutrina do Concílio Vaticano II. O conceito de Igreja Povo de Deus, muito bem trabalhado na constituição *Gaudium et Spes* devolve a condição de mistagogos a todos aqueles que de algum modo são no mundo sinais da presença de Deus:

Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus (*Gaudium Et Spes* 11, 1968).

Com a recuperação da compreensão de que para ser revelador do mistério e portador dele não se faz mais necessário participar de alguma categoria especial de povo, o termo mistagogo voltou a ser aplicado a todas as pessoas em qualquer condição ou profissão. É neste sentido que emerge o problema ao qual se está procurando responder e que pode ser mais amplamente formulado do seguinte modo: Em que medida a mística, como parte da

formação continuada de professores, poderá colaborar com a práxis docente contribuindo para o enfrentamento e a superação das dificuldades que, muitas vezes, transformam o professor “em uma máquina de ensinar” deixando de considerar que:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado especialmente, graças à educação que recebe na juventude para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 1999, p. 99).

Tratar da Mistagogia na formação continuada se apresenta como um problema na medida em que essa temática é praticamente ausente nos programas formativos e que, no entanto, é intrínseca ao cotidiano do educador, tanto mais nestes tempos em que as questões éticas e de valorização da vida, sob a forma de preocupação com a sustentabilidade, são cada vez mais consideradas como preocupação pertinente.

Parece evidente que se faz necessário aliar o uso de novas tecnologias a princípios éticos capazes de apontar que um “novo mundo é possível”, e que este seja mundo no qual o ser humano não possa ser qualificado com a clássica expressão de Thomas Hobbes: “guerra de todos contra todos”.

A questão mistagógica na formação docente vem ao encontro da afirmação de Plutarco que já se fez mencionar. A Mistagogia como experiência de uma vida espiritual faz com que o professor sintase desafiado a trabalhar no seu cotidiano profissional com motivações interiores muito maiores do que aquelas que a sociedade parece cultivar.

A Mistagogia como vivência dos mistérios que envolvem o ser humano implica aceitar a condição de que a criatura tem uma profunda conexão com a realidade transcendente que a faz extasiar-se com aquilo que parece estar muito além de si mesmo:

O mistério da pessoa é, portanto, contemporaneamente aberto ao infinito e encarnado no espaço e no tempo. Cada obra do crescimento pedagógico e de guia para o mistério não pode acompanhar os passos da dimensão concreta da vida pessoal. As perguntas, as lutas e os anseios devem ser entendidos como a tradução concreta do mistério humano (IMODA, 1996, p.717).

Sob esta ótica, a questão da espiritualidade aparece como resposta aos medos hodiernos diante da complexidade da metamorfose civilizatória. Nesse sentido o Professor Mistagogo é chamado a compreender que: “Tragédia não é o nosso negócio!” O cultivo de uma espiritualidade integrada e integradora facilitará ao educador contemporâneo desenvolver o que se chama “sagacidade”- entendido como sabedoria prática que, em outro contexto, foi

dito por Jesus Cristo “Sejam simples como as pombas e espertos como as serpentes”(Mateus 10,16).

A espiritualidade deste tempo leva para uma viagem sagrada e que, sem a percepção da natureza sagrada desta viagem, nem o educador, nem a sociedade conseguirá realizar a transformação mais profunda que se faz necessária. É imperativo avaliar as dimensões reais do que significa ser membro de uma comunidade sagrada no sentido mais amplo do termo. Nesse sentido, a Mistagogia facilitará olhar o mundo com outros olhos, apesar do desencantamento que o mundo natural parece mostrar nas suas dimensões físicas.

A Mistagogia na formação docente contribuirá para que o educador possa entrar na grande alma do mundo que consiste no que se chama “autopoiesis” isto é, capacidade de se renovar continuamente e de regular esse processo de forma que mantenha a integridade.

Integridade é o que dá identidade e formação interior, espontaneidade interna, proximidade com o mistério supremo. Uma perceptível dificuldade atual consiste em conceber o universo somente em suas dimensões físicas. Perdeu-se a consciência de que o universo, desde os primórdios, é uma realidade psíquico-espiritual. Manifestar a comunhão com o mistério parece ser o compromisso educacional mais importante de nosso tempo. Ter presente que o universo de hoje, a bola de fogo que deu origem a tudo e que agora é experimentada na sua forma desenvolvida, não pode ofuscar a verdade de que o princípio do universo não teve apenas uma forma física, mas que lá também teve origem a forma espiritual.

Assim a espiritualidade visa a muito mais do que a renovação de conteúdos e vai muito além do que professores tecnicamente preparados, pois

A espiritualidade do nosso tempo, que nos leva a uma viagem sagrada. Se não percebermos a natureza sagrada de nossa viagem, não conseguiremos realizar a transformação mais profunda que se faz necessária. Precisamos avaliar, especialmente, as dimensões reais do que é ser membro de uma comunidade sagrada, no sentido mais amplo do termo (O’ Sullivan, 2004, p. 75).

A Mística enquanto concretização da espiritualidade abarca bem a compreensão de que ela facilita às pessoas a coragem para se arriscar, crescer e dar o melhor de si e que é bem manifestada no seguinte conceito:

Do ponto de vista da pessoa, a espiritualidade cristã é o jeito próprio de viver o seguimento de Jesus, a vivência da fé que motiva e alimenta as convicções. Na ótica de uma instituição, a espiritualidade é o conjunto de valores que sustentam a sua missão e o seu negócio, inspirados na pessoa de Jesus Cristo e na causa do Reino de Deus (MURAD, 2007, p. 127).

Tanto mais a metamorfose for sendo entendida no sentido de processo e não de crise, mais fácil compreender a mística como valorização das experiências de interioridade, que aplique o melhor de si na qualidade de vida. E assim se pode ainda entender espiritualidade como:

Força vital que existe dentro de nós, ou a nossa natureza mais profunda e mais fundamental, Depois de nos desligarmos de todo condicionante e de todas as ilusões, chegamos ao nosso núcleo, ao nosso espírito. Cristo se referia a esse lugar como Reino de Deus que está dentro. Os budistas falam sobre a natureza búdica, que é a nossa bondade básica que está oculta pelas ilusões do ego. Os hinduístas se referem a esse lugar como o atmã, que está conectado com o infinito, o Brâmane (YUS, 2002, p. 111).

Estes conceitos todos de espiritualidade encontram sua origem no termo grego *Mysterion* que provém da raiz *múein* cujo significado consiste em facilitar a iniciação, instruir nos mistérios. Em outras palavras, perceber o caráter escondido, transcendente, isto é, não comunicado de uma determinada realidade ou intenção. Nesse sentido, mística se constitui também na vivência de uma causa, de uma vocação, de mandato que se envolve em mistério. É daí que deriva mística como adjetivo de mistério e que pode ser compreendida como:

Aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida, contra todos os mecanismos de morte, diminuição ou estancamento... alimentar a espiritualidade significa cultivar esse espaço interior, a partir do qual todas as coisas se ligam e religam; significa superar os compartimentos estanques e vivenciar as realidades; para além de sua facticidade opaca e por vezes brutal, como valores, inspirações, símbolos de significações mais altas. O homem/mulher espiritual é aquele que pode perceber o outro lado da realidade, capaz de captar com profundidade que se vela e a referência de tudo à última realidade, que as religiões chamam de Deus (BOFF, 2008, p. 52).

Mística é um referir-se a Deus, mas que está profundamente arraigada na existência humana que se compreende como mistério e realidade inatingível na sua plenitude. Pela compreensão do que seja mística, é possível que o ser humano viaje para muito além de si mesmo na medida em que se reconheça totalidade incompleta, no sentido descrito por Thiago de Mello: “Tarde embora, descobrimos que nascemos incompletos”. A compreensão de mística a partir deste ponto de vista aponta para a perspectiva de um diálogo contínuo.

Do ponto de vista da antropologia, a mística aplicada à docência aponta para o SER do Professor muito além da profissão e do profissionalismo em um determinado assunto. Ou seja, a mística é uma visão para muito além do que o exercício competente e produtivo da profissão. A mística é uma paixão e nesse sentido pode-se falar da dimensão vocacional do professor com a seguinte afirmação:

O termo mística quer acordar dentro da profissão de professor a sua dimensão de vocação, de desejo de paixão pela missão de educar, de transmitir saber, de formar a nova geração dos valores, de passar para os alunos a riqueza de vida e de experiência já adquirida (LIBÂNIO, 1997, p. 40).

A experiência mística capaz de transformar o profissional da educação em um vocacionado aponta para o infinito prazer que se esconde na escuridão das noites e no desgaste físico que o próprio exercício da docência exige cada dia. Dessa forma a mística contribuirá para o enfrentamento e a superação das dificuldades.

A mística compreendida como força motora capaz de superar os desgastes do cotidiano se constitui num caminho sutil para o refinamento do conhecer e do sentir desde a mais completa gratuidade. O ser humano enquanto “totalidade incompleta” é pleno de calor e de luz capaz de transformar a realidade que o rodeia e, desse modo, diz-se que o ser humano se espiritualiza. Na medida em que o ser humano aprende a conhecer e a sentir gratuitamente ele é capaz de saber o que é o nada e qual a relação que tem com ele.

A perspectiva mistagógica da vivência vocacional na profissão da docência é desconcertante e aponta para renovação constante. Vivenciar a espiritualidade de maneira mistagógica aponta para a satisfação das necessidades sem o ponto de referência egocêntrico, isto é, conhecer e sentir de maneira não egoísta, ou seja, espiritualizar-se!

A espiritualidade mistagógica no sentido em que está sendo descrita não olha a pessoa a partir do ponto de vista do necessitado e incompleto, mas da totalidade incompleta rompendo assim a ideia de dualidade entre o ser e o mundo e facilitando a vivência na gratuidade. Longe da visão espiritual, o ser humano termina por ser reconhecido como uma espécie de depredador das coisas e da sua própria espécie. Entretanto, na proporção em que experimenta a sua condição mistagógica, ele é capaz de alcançar a dimensão desinteressada e vibrante, condição própria daquele que ama.

Na esteira dos diversos conceitos, a espiritualidade que proporciona o viver mistagógico cria também a dimensão amorosa e gratuita do exercício vocacional/profissional. A experiência mistagógica permite ao ser humano expressar-se muito além da sua condição de ser vivo, possuidor do “tele-encéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor”, e o capacita no limite do desinteresse egocêntrico para a condição de testemunha capaz de comover até as raízes da sua existência.

A espiritualidade mistagógica passa pelo caminho do silêncio, que alguns autores qualificam como “fechar os olhos para ver melhor”, no sentido em que são silenciadas as necessidades simplesmente vitais para a sobrevivência biológica e, paralelamente,

alimentados o pensar e o sentir proativos que facilitará a compreensão das mudanças metamorfósicas e complexas pelas quais passa a sociedade contemporânea. Aceitar esta noção de silenciamento é uma condição *sine qua non* para perceber e interpretar o aspecto misterioso de cada situação cultural.

Desde a perspectiva cristã, a espiritualidade mistagógica pode representar um “deixar-se morrer” com absoluta consciência dessa condição e a isso se aplica espiritualidade do silenciamento. De algum modo, outras correntes religiosas também compreendem tal condição espiritual. Maomé, por exemplo, para dizer que é preciso aproximar-se silenciosamente daquilo que se deseja, usou a expressão é preciso “morrer antes de morrer”. Para a tradição budista, a espiritualidade significa esvaziar-se, enquanto que no hinduísmo significa conduzir ao conhecimento. E em outras palavras: “Ser-Consciência-Beatitude, Existir-Luz”(CORBÌ, 2010, p. 252).

Em ambos os casos,

Estamos falando de um conhecimento que os místicos cristãos chamaram de “conhecimento não conhecimento”, de “conhecimento super-essencial”, de “conhecer de essência a essência”, de “luz tenebrosa”, de “conhecimento que é um não saber”.(CORBÌ, 2010, p. 252).

O caminho deste silenciamento interior como dom real e verdadeiro é o único caminho para o amor que só se realiza plenamente mediante o que se chama “morrer antes de morrer” e conduz para a relação com aquele que é “Totalidade completa” de quem o ser humano é imagem e semelhança. É nesse veio que se situa a espiritualidade mistagógica como um caminho realmente eficaz que se faz reconhecer na dimensão do serviço ao outro.

A espiritualidade mistagógica coloca o ser humano e, no caso, o profissional da docência, próximo do conhecimento e do amor pelas realidades que o rodeiam, pois, do contrário, seria uma espiritualidade “desencarnada” e perversa edificada na irrealidade e no menosprezo que produz enrijecimento do coração e da vontade. Viver tal forma de espiritualidade se constitui numa criação livre e regozijante, que pode ser descrita com a seguinte afirmação:

O Caminho espiritual, em nossas condições culturais, teria de ser concebido e vivido como uma forma de tirar cargas de si mesmo, de despojar-se de submissões, de livrar-se de crenças que emperram; como passagens à leveza e à liberdade, como supressão de obstáculos ao conhecimento e ao sentir da realidade, como libertação da submissão às necessidades e aos medos, como caminho de indagação regozijante, cada dia mais livre, mais lúcida; como a maneira de escapar da tirania do amor centrado em si mesmo, a fim de liberar a mente e o coração para amar a tudo (CORBÌ, 2010, p. 261).

Esta compreensão da espiritualidade é um indicativo para a mística da docência na perspectiva cristã, mas que não se reduz a ela. A mística recorrente de uma espiritualidade comprometida e não centrada em si mesmo ou egocêntrica é aquela que fará o professor, um vocacionado, mais do que profissional. Ou dito de outra forma, um “professor que vive para a educação e não um professor que vive da educação”. Sentir-se um sinal do transcendente na vida dos educandos e isto se fará mediante o cultivo sempre mais de um caminho espiritual que se constitua numa busca autônoma e numa criação cotidiana que é um completo dom.

Dizendo que ela é uma busca autônoma não se está afirmando que a espiritualidade da docência seja uma invenção irremediável, mas que ela é um caminho interior no sentido de heterônoma, tal como concebido o conceito kantiano de não sujeição a uma terceira pessoa, mas apresentada e vivida autonomamente a partir do interior. Poderia se aplicar a esse modo de viver a espiritualidade, o qualificativo de espiritualidade leiga, não laicista, no sentido que estaria negando a dimensão de ser vivo aberto e necessitado, mas no sentido de laicidade que ultrapassa o horizonte das instituições e das religiões que institucionalizam a espiritualidade, condicionando-a, muitas vezes, às doutrinas e disciplinas institucionais.

A Espiritualidade como conceituada aqui seria capaz de produzir uma paixão pela causa que se pode descrever com as palavras de São Francisco de Assis:

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna (Oração atribuída a São Francisco de Assis).

A guisa de conclusão, é compreensível a espiritualidade mistagógica imergir o indivíduo num eterno processo de “aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer” com a firmeza de quem compreende tal estilo de vida como luz que ilumina e que, na sutileza da sua condição, permite enxergar sempre novos caminhos os quais podem ser designados como currículo não escrito ou mais propriamente: “Para além do currículo”.

5 FORMAÇÃO PARA ALÉM DO CURRÍCULO

Na sequência das conceituações a que se referem os três capítulos precedentes, o título deste IV e último capítulo se encaixam nas discussões sobre política de currículo numa perspectiva pós-crítica. Contemplar na formatação curricular os temas tratados ao longo da pesquisa implica compreender o que se chama “recontextualização e hibridismo”. Esta nomenclatura não é a origem de um terceiro termo como se estivesse resolvendo a tensão didática de superação de hierarquias, mas visto na perspectiva da diversidade e que pode ser entendido também como formação para além do currículo. Do mesmo modo, não se trata da criação de um binário curricular, mas daquilo que pode ser denominado com a expressão “*curriculum*” no sentido de incorporação, de fazer parte, identificar.

Longe de qualquer conotação que se aproxime do conceito de currículo oculto, cuja compreensão está associada às formas ideológicas de submissão, ele traz em si a marca negativa:

Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores, orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma mais conveniente às estruturas e às posturas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis da sociedade capitalista. (SILVA, 2007, p. 78-79).

Pela terminologia “além do currículo”, esta pesquisa quer destacar aspectos do ambiente e da vivência de todos os envolvidos no processo de formação docente que contribuam de modo relevante para o aprendizado. Dentro da perspectiva pós-crítica, adotada como eixo neste capítulo, entende-se “Formação para além do currículo” por aquilo que se aprende das atitudes, comportamentos, valores, orientações que permitem responder de maneira cidadã às estruturas indesejáveis da sociedade capitalista que pode também ser chamada de tribal e nacionalista. Situação que será suplantada pela metamorfose cuja batalha se trava no âmbito do espírito

Os nacionalismos mesquinhos deverão dar lugar ao universalismo, os preconceitos étnicos e culturais à tolerância à compreensão e ao pluralismo, o totalitarismo deverá ser substituído pela democracia em suas variadas manifestações e um mundo dividido, em que a alta tecnologia é apanágio de alguns, dará lugar a um mundo tecnologicamente unido (DELORS, 1999, p. 153).

Isso vai se tornando realidade na medida em que se redescobre a vocação da docência, naturalmente por meio de uma formação continuada que supere o mero tecnicismo e que seja muito além do que a preparação para o trabalho, mas se constitua na formação do sujeito. E que Sacristan (1995) afirma: “As situações escolares não se limitam a reproduzir cultura para

os alunos e cultura profissional para os professores, pois também contribuem para a recriação destas culturas”(In NÓVOA, 1995, p. 73.).

Daí que cada vez mais há que se ter em conta na formação do docente todos os componentes que dizem respeito às mudanças de época por que passa a civilização e consequentemente a escola. Mediante tal compreensão e confrontação, os “profissionais da docência”, a quem preferimos chamar de “vocacionados para a docência”, serão capazes de:

Fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhes as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação. Os problemas da sociedade envolvente, por outro lado, não podem mais ser deixados à porta da escola: pobreza, fome, violência droga entram com os alunos nos estabelecimentos de ensino, quando até pouco tempo ainda ficavam de fora com as crianças não escolarizadas. Espera-se que os professores sejam capazes não só de enfrentar esses problemas e esclarecer os alunos sobre um conjunto de questões sociais..., mas também obtenham sucesso em áreas em que pais, instituições religiosas e poderes públicos falharam muitas vezes... À medida que a separação entre sala de aula e o mundo exterior se torna menos rígida, os professores devem também esforçar-se por prolongar o processo educativo para fora da instituição escolar, organizando experiências de aprendizagem praticadas no exterior e, em termos de conteúdos, estabelecendo ligação entre as matérias ensinadas e a vida cotidiana dos alunos (DELORS, 1999, p. 154).

Ora, como esperar isso dos professores, se a eles também é subtraída a possibilidade de uma formação continuada que leve em conta muito mais do que a “profissionalização docente” no sentido que já se vem afirmando como preparação exclusivamente técnica, conteudista e sem consideração para o SER do professor como sujeito acima de profissional.,

Feitas estas considerações, é importante perceber como as considerações levantadas na pesquisa se encaminham para compreender currículo como espaço no qual seja facilitada a construção e o advento de um ser humano sujeito, singular, insubstituível, em que os professores sejam reconhecidos como:

apresentadores do mundo, agentes de transformação pessoal, responsáveis por encaminhamentos significativos, por revelações, por descobertas decisivas, por ser paradigmas, por momentos (importantes). Suas significâncias éticas, suas exigências e expectativas, sua compreensão do real interesse de cada aluno depoente permeiam todos os parágrafos (ABRAMOVICH, 1997, p. 6).

Feitas as devidas conceituações, é possível associar tal ideia de formação com os conceitos já descritos nos capítulos precedentes e que se referem à formação mistagógica no contexto da metamorfose civilizatória contemporânea. É assim que se entende formação para além do currículo, na esteira das palavras de Santo Agostinho: “Não aprendemos com as palavras que soam exteriormente, mas com a verdade que se ensina interiormente” (DE MAGISTRO capítulo XI).

É nesse sentido que a pesquisa Formação Mistagógica do Docente no Contexto da Metamorfose Civilizatória tem seu eixo condutor. Ela visa abrir caminhos para a reflexão e inclusão nas dinâmicas curriculares da perspectiva de acender o fogo da alma ou a espiritualidade que os educadores precisam assumir no desenvolvimento de sua formação e missão pedagógica. A sentença “para além do currículo” é aplicada aqui no sentido de facilitar o conceito de espiritualidade muito mais amplamente do que a associação com qualquer institucionalização religiosa.

Parece importante recuperar a compreensão de espiritualidade que, até a Idade Média, foi praticamente impossível imaginá-la fora do conceito de religião institucionalizada. Por conta desta concepção restritiva do termo, é dispensável discorrer sobre a limitação da real compreensão do seu significado. Na atualidade, o termo tem adquirido feições também restritivas na medida em que conceitos fundamentalistas transformam as mais profundas aspirações da alma em afirmação de determinadas convicções religiosas mais dogmáticas e excludentes do que de dimensões de conexão com a ética, com o belo, o bom, o acolhedor, a verdade que está muito além do existir humano.

As palavras espiritualidade e mistagogia aparecem na pesquisa como uma força vital que existe dentro do ser humano, o que também implica compreender que espiritualidade está muito além da restritiva compreensão de religião e instituição. A institucionalização de qualquer conceito ou verdade coloca nele uma “camisa de força”. É nesse sentido que reduzir mística à religião leva ao que se pode chamar de assassinato da alma.

Segundo as concepções monoteístas, espiritualidade pode ser compreendida como encontro com a divindade suprema. O ocidente cristão identifica como Reinado de Deus e, nesta perspectiva, Santo Agostinho afirmou: “Fizeste-nos para ti e inquieto está nosso coração enquanto não repousa em ti”(CONFISSÕES, Livr.1,1). Isto implica aceitar que se trata da profunda conexão do ser humano com a realidade superior e com o extasiar-se do universo harmonioso, isto é, conexão com algo que está muito além de si mesmo e de qualquer currículo.

Isso pode ser também chamado de condição na qual o indivíduo deixa-se extasiar pela beleza própria daquilo que vê e daquilo que experimenta sem ver. O sentimento do astronauta Russo Shatalov, parece indicar o que se está querendo dizer com a perspectiva da formação mistagógica do docente:

À noite, a Terra parece mais mágica ainda do que durante o dia. Sempre há uma tempestade desabando em qualquer lugar. Os clarões dos relâmpagos, às vezes, cobrem até um quarto de um continente. No começo, vemos isso como uma perturbação natural, a erupção de salpicos como um espetáculo majestoso. A bordo da espaçonave, é tranquilo. Não dá para sentir o ribombar dos trovões nem para

sentir as lufadas do vento, e dá a impressão de que tudo é calmo, apenas um jogo de luzes. De repente, contra nossa vontade, imaginamos que o relâmpago vem não de uma tempestade natural, mas da explosão de bombas. Não. Isso nunca deveria acontecer. Que apenas os relâmpagos e as luzes do norte façam cintilar nossa joia preciosa (O'SULLIVAN, 2004, p. 391).

A citação está em perfeita sintonia com a temática da espiritualidade na formação do docente no sentido que a mística não faz parte de conteúdos curriculares na formação docente, mas que é intrínseca ao SER do professor. Isto implica facilitar que a riqueza e diversidade das expressões interiores presentes no ser humano sejam efetivamente manifestadas e valorizadas. Respeitar a diversidade será condição *sine qua non* para garantir que este empreendimento não se resuma a uma institucionalização de currículo que leve o nome de espiritualização. Este processo poderá novamente configurar-se numa dogmatização mecanicista e cerceante da verdadeira mística e formalizadora de uma religião que, como se disse, corre o risco de colocar uma camisa de força numa verdade que não cabe em conceitos, nem tampouco pode ser reduzida a experiências institucionais.

Trazer a mística para o campo da formação docente implica uma discussão profunda e transformadora que incentive os seus sujeitos a se envolver com o mundo, com encanto e criatividade. Há de se convir que a “modelagem” curricular proposta pelo modo tradicional de compreender currículo aplicado à formação docente em muito se aproxima de uma epidemia de fome em relação à nossa alma que, por conta desta “anorexia”, facilmente descamba para as mais distintas manifestações de *bullying* cuja origem, muitas vezes, está ligada à falta de “testemunho dos professores”. Deste modo é mais bem compreendido o sentimento manifesto por John Donne (1572-1631)

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a tua própria; a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti (<http://www.dignow.org/post/frase-do-dia-882466-48740.html>, acesso em 08/04/2012).

Implica reconhecer que o ser humano sozinho não é ninguém, que o indivíduo faz parte de um todo e se realiza no todo. E, deste modo, é possível associar espiritualidade com o sentimento cristão, sem obviamente excluir outras formas de aceitação do sobrenatural e transcendente. Para o Cristianismo, a pessoa se realiza com o outro, como se lê em Atos dos Apóstolos: “Todos os que creram pensavam e sentiam do mesmo modo. Ninguém dizia que

as coisas que possuía eram somente suas, mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham”. (ATOS DOS APÓSTOLOS 4,32).

Propor formação docente que leve em conta a postura mistagógica do professor, que implica exemplo, palavra e afeto, significa voltar-se para outra direção que não o serviço aos interesses econômicos, mas às almas daqueles que são sujeitos da formação. A desolação e a fragilidade do ser humano na modernidade estão associadas à não compreensão da sua origem e da sua finalidade enquanto criatura. O homem parece ter incluído no seu curriculum a condição de indivíduo capaz de destruir, precisamente porque se situa como um EU separado de toda a obra criada. Mistagogia da docência implica caminhar na direção da preservação da integridade do ser e do SER no mundo. Toda a pesquisa se fundamenta na certeza de que a dimensão mística está presente na vida de todo ser humano. Isto é, que se trata de uma dimensão educativa, a qual obviamente não encontra lugar na perspectiva da educação para o mercado, no qual aquilo que não dá lucro é considerado improdutivo. Essa verdade somente será aceita e compreendida na medida em que o ser humano for considerado como um dos elementos deste mundo invisível e eterno.

O pensamento materialista e centrado na visão produtivista repudia a dimensão educativa da espiritualidade. Mas o que se quer com esta reflexão é desenvolver uma dimensão que não cabe num conceito tradicional de currículo. A transcendência do existir humano, que pode ser identificada com a preocupação em questão, é de uma magnitude que aponta para o esplendor e felicidade do universo. A corrente utilitarista, que também se apossou dos conceitos e finalidades da educação, fez o que facilmente as religiões institucionalizadas também fazem, isto é, querer esgotar toda a noção de um determinado conteúdo nas estreitas margens da sua organização.

A espiritualidade, entendida como mistagogia no contexto da pesquisa, apresenta dimensões muito mais largas, as quais superam de longe a ideia de que o mundo foi criado para o desfrute do ser humano, posto que este existe para “cuidar” daquele. É imprescindível caminhar para um conceito de educação que contemple os conceitos de mundialização e que a partir deles a formação docente, terá em consideração tanto o conhecimento de si próprio como daquilo que ensina:

... eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam em nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1995, p. 17).

As críticas que merecem ser feitas às religiões institucionalizadas podem ser aplicadas também aos sistemas que pretendem fechar no modo de “currículo” as manifestações de espiritualidade, como se o espírito pudesse ser aprisionado dentro de alguma concepção de verdade. No conceito montessoriano, no qual mística é entendida como força criativa e transformadora, tem-se a compreensão de mística como energia transcendente e misteriosa que não pode ser reduzida a individualidades biológicas e componentes culturais. Não são poucos os educadores que indicam como tarefa do ser humano alcançar a perfeição da divindade, a qual o mundo judaico cristão chama de “Imagem e semelhança de Deus”.

Além dos autores já mencionados, outros educadores também apontam na mesma direção afirmando que a simples aquisição de conhecimento factual e habilidades vocacionais para garantir o sucesso econômico e pessoal é um reducionismo do significado de educar. A formação docente que valoriza a dimensão mística traz no seu bojo um envolvimento criativo, transformativo e autotranscendente entre a pessoa e o mundo. É certo que se pode afirmar que a experiência mística significa valorizar o conceito de “deixar mil flores se abrirem”.

Daí que, uma vez mais, é necessário não confundir religião com espiritualidade, não obstante seja preciso reconhecer que muitos movimentos religiosos têm sido o cerne de transformações sociais e de visão revolucionária contra toda forma de autoridade opressora. Destaque precisa ser feito aqui para os conceitos produzidos e trabalhados pela corrente da teologia da libertação latino-americana. Essa forma de fazer teologia que nascia de uma indignação ética diante da pobreza e da marginalização de grandes massas do continente latino-americano trouxe no seu bojo o primado do ser humano antes da figura da Igreja institucionalizada e hierárquica. A pessoa de Jesus Cristo foi apresentada pelos teólogos da libertação como um místico agindo eficazmente sobre a realidade e facilitando que as transformações fossem acontecendo na direção do Reinado de Deus. Mais do que buscar enquadrar as experiências mistagógicas no âmbito das práticas religiosas, importa valorizar o senso do numinoso em educação. De novo evocam-se palavras judaico-cristãs: é preciso abrir-se para perceber no cosmos as *Mirabilia Dei*.

Mistagogia ou vivência da espiritualidade na formação do docente consiste em dar sentido ao ser no mundo e do mundo mais do que simplesmente compreendê-lo no seio de uma religião. A educação merece ter uma dimensão contemplativa que apareça como complemento indispensável ao processo de ensino-aprendizagem. Esta face da educação é naturalmente obscurecida no conceito que já evocamos, a partir do qual meditação e mercado não se misturam.

O educador mistagogo será constantemente desafiado a desenvolver um processo relacional entre aquilo que ensina, aquilo que vive e aquilo em que acredita, com o imenso mistério que cerca todo o existir humano. A meta da experiência mistagógica na educação não se restringe ao ensino de determinado sistema de pensamento, mas a como dar respostas factíveis para os desafios recorrentes dos distintos sistemas. E isso é tanto mais exigente quanto maior for a compreensão de que o ser humano vive uma relação dialética entre ser e mistério.

O ser humano, como indivíduo de perguntas diversas e de respostas múltiplas, é fatalmente desafiado a colocar no seu curriculum e na sua base curricular abordagens de interesse espiritual que ajudem a responder qual o sentido da vida, de onde veio e para onde vai. E isso se denomina também mística. A concepção montessoriana, a que já se fez referência, e cujo objeto de estudo foge ao escopo desta pesquisa, aponta para a compreensão de mística para a libertação dos defeitos enraizados no ser do professor. Essa falta de mística impede as relações de transparência com seus alunos.

Não faltam exemplos para se confirmar que uma das limitações da educação na atualidade reside na não-sintonia entre conhecimento e realização pessoal, entre responsabilidade e construção de relações de harmonia, paz e justiça. Não faltam educadores que afirmam residir o fracasso do conhecimento moderno no deficitário autoconhecimento, que impede, ou pelo menos limita a capacidade de amar, de se apaixonar e fortalecer relações com a própria pessoa, com os demais e com o conjunto dos seres no mundo. Como exemplo disso, é possível situar os diversos estudos sobre violência bastante ligados à rede de contatos virtuais e a fragilidade das relações vivenciadas por pessoas de todas as faixas etárias.

David Purpel⁹, citado por O'SULLIVAN, afirma que os educadores têm a responsabilidade específica de forjar um amplo sistema educacional de crenças que sempre leve em conta os problemas do cotidiano. Uma das suas proposições consiste em afirmar que a educação tem por missão cultivar e promover o desenvolvimento de um misto cultural que sirva de base para a fé na capacidade humana de participar da criação de um mundo de justiça, compaixão, cuidado com o outro, amor e felicidade.

A experiência mistagógica no processo formativo inicial e continuado caminhará na direção contrária ao dualismo cultivado pelo pensamento ocidental que separa o espiritual do ser plenamente humano. Conforme Metzner:

⁹ David Purpel é professor do Departamento de Didática e Fundamentos da Educação da Universidade da Carolina do Norte em Greensboro. Seu trabalho concentra-se em crítica moral e espiritual da educação pública.

Temos uma crença profundamente arraigada de que nossa vida espiritual, nossas práticas espirituais devem tender à direção oposta à da natureza. O espírito, imaginamos nós, eleva-se rumo a esferas transcendentais, ao passo que a natureza, que inclui nossas sensações ou sentimentos corporais, submerge ou puxa para baixo (apud, O’SULLIVAN, 2004, p. 397).

Este processo amplamente vivido pela sociedade secular e visivelmente presente no contexto escolar brasileiro é um reducionismo de tudo o que pode ser compreendido como democracia e laicidade. Mística é um tema que se enquadra na concepção pós-crítica de currículo, seja ele aplicado à escola leiga, de estado laico, ou à escola confessional, desde que os educadores sejam capazes de ajudar seus alunos a encontrar repostas significativas para suas vidas, pois a docência se constitui numa aventura de promover pessoas e torná-las melhores, felizes e emancipadas. Isso pode ser compreendido na máxima Freiriana: “educação é um ato de amor”. Para isso é importante compreender que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1995, p. 17).

Entre as experiências que merecem ser fortalecidas no que concerne às concepções de mística, está o desenvolvimento do conceito de Eros, o qual precisa ser compreendido na sua dimensão mais sagrada. E esta dimensão erótica da mística na formação do docente consiste em garantir um clima caloroso, acolhedor, capaz de propiciar encontro espiritual que determinou a coragem de homens e mulheres ao longo da história, sobretudo nos tempos de cerceamento das liberdades:

Será que é possível construir homens e mulheres novos sem falar de mística? A mística está para esta questão assim como a química do solo para produzir bons frutos. Temos de quebrar o tabu e o preconceito de falar sobre esse tema, que precisa ser discutido até numa mesa de bar, porque senão repetiremos o erro nossos companheiros do socialismo, com toda a uma ideologia objetivista das coisas, sem considerar a questão da subjetividade (BETTO, 2010, p. 106).

Sem a ótica da mística, longe de uma reflexão axiológica, corre-se o risco de transformar as escolas em máquinas de fazer instrumentos adequados para o trabalho e para competir no bojo da sociedade mercantilista e mecanicista. Nesse modelo de escola, não sobra lugar para a contemplação e a gratuidade, posto que o sucesso seja garantido na medida em que os educandos têm notas altas nas provas padronizadas – nesse caso, pouco se importando se a escola lhes está facilitando desenvolverem-se como seres humanos completos.

A dimensão não erotizada deste modelo de formação impede o corpo docente de abraçar qualquer tipo de mudança e isso se dá na mesma proporção em que a instituição é vista com um lugar frio e não convidativo. É aí que se encaixa a afirmação: quanto maior for a

compreensão da educação como modificadora de atitudes e condutas e, portanto, no que diz respeito ao coração, maior será a convicção dos educadores de que seu papel vai muito além do que ensinar verdades, mas em viver de acordo com os valores que ensinam, isto é, ele será um mistagogo do saber. Os conhecimentos serão muito melhor assimilados e aceitos na medida em que a fonte de onde emanam possa ser confirmada com a credibilidade de uma postura ética. Formação para além do currículo implica antes de transmitir o que se sabe, educar naquilo que se é.

O educador mistagogo se reconhece como um indivíduo em contínuo processo de formação e crescimento a quem se pode aplicar a sentença de Sêneca: “Penso que muitos poderiam ter chegado à sabedoria, se não estivessem convencidos de já haver chegado” e que foi readequada e proferida pelo professor Oriol Amat: “Os homens inteligentes passam a vida aprendendo. Os outros não param de ensinar”

Finalmente, é preciso concordar com os autores que dizem ser a experiência espiritual um sustentáculo para a alma ou um santuário no qual os sentimentos das pessoas são reconhecidos, assim como seus pensamentos. As soluções humanas não são diminuídas pelas soluções tecnológicas. A escola com alma, então, existe como um santuário, pois

Professores e alunos olham além da escola, ao sentir que suas almas estão sendo alimentadas pelo ambiente que encontram ali. Esse ambiente é o do respeito, do cuidado, e até mesmo da reverência. As pessoas na escola santuário sentem-se valorizadas como seres humanos e podem falar sinceramente a partir de seus corações. O amor predomina mais que o medo. Quando as pessoas falam, elas sentem que estão sendo escutadas, sempre em um nível centrado no coração. O melhor de tudo é que existe um profundo senso de comunidade (YUS, 2002, p. 126).

Reconhecer no diálogo franco e aberto daquele que ensina mais com a vida do que com as palavras permitirá que se estabeleçam relações nas quais o eros deixa de ser uma representação equivocada de paixões erotizadas para abrir-se a dimensões místicas nas quais o indivíduo perceberá sua dimensão de sagrado e de imagem partilhada em vista da felicidade comum. Nesta medida, o outro vai sendo reconhecido como sujeito sagrado, imagem da sua própria imagem, canal de sabedoria e prazer que ultrapassa toda experiência e existência humana e limitada.

Formação Mistagógica do Docente no Contexto da Metamorfose Civilizatória quer colaborar com a compreensão de que a civilização está vivendo um momento muito importante que pode ser chamado de divisor de águas entre a sociedade do conhecimento e do ciberespaço para a sociedade do SER Sujeito do conhecimento e do ciberespaço.

Alguns elementos foram valorizados na pesquisa com o intuito de fazer crescer a compreensão que diversos autores julgam indispensáveis quando se trata de desenvolver nos professores um sentimento de que sua profissão é um exercício de valorização daquilo que não se vê para além daquilo que se produz.

Para um formador mistagógico, não existe uma receita, nem obviamente muitas receitas, mas parece ser possível indicar alguns caminhos. No processo de relação educador/educando, o mistagogo será capaz de valorizar experiências não verbais, entre elas a experiência do silêncio. No mundo marcado por tantos e inúteis apelos advindos da palavra, é consensual a necessidade de estar sós e em silêncio. Paralelo a este indicativo, cultivar o gosto pelo belo, valorizar a dimensão da estética. O ambiente físico atraente será tanto mais apaixonante quanto mais tocar o coração dos destinatários.

O ambiente pode ser caracterizado pela dimensão do eros sem ser erótico. Tornar célebre aquilo que se faz no cotidiano é parte essencial do ritual da vida. Sob esta ótica, é importante lembrar que estamos todos diante de uma grande obra e que a felicidade consiste em fazer parte dela ainda que seja sob a minúscula forma de um ser humano perdido no horizonte do grande cosmos. Sob este ponto, aplica-se o contar, o fazer e o celebrar historicamente o ser da escola e dos que fazem a escola.

Valorizar as pequenas conquistas mediante eventos celebrativos é um modo místico de viver no seio da educação os anseios mais profundos do existir humano. Cultivar valores pautados na autenticidade e na coerência sem, contudo, querer ser perfeito e onisciente, valorizando o clima da verdade e da integridade. Mistagogia consiste precisamente em diminuir a distância entre a palavra e o ato. Isto é que faz reconhecer Deus e o seu jeito de ser. Mistagogia pode ser compreendida como uma extensão da palavra hebraica *DABAR*, isto é, PALAVRA FEITO ATO. O docente mistagogo será para os seus discípulos alguém por quem estes podem sentir-se apoiados e seguros no mar revolto das dúvidas e das incongruências do cotidiano. O mistagogo pode ser como pedras colocadas ao longo de um rio e que servem de ponte para se chegar do outro lado.

Naturalmente este modelo de educador estará muito mais próximo do utópico Paulo Freire, o qual via a educação como prática da liberdade e da cidadania. A prática de grandes mestres, entre eles é imperativo recordar Jesus de Nazaré, serve de inspiração para todos quantos sonham com a educação construtora de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Um processo de formação de educadores mistagogos terá em conta que a educação é viga mestra do aperfeiçoamento da sociedade.

Formação Mistagógica do Docente se aproxima daquela descrita por Cristóvão Buarque, então Ministro da Educação, por ocasião do lançamento do programa nacional de certificação e formação continuada dos professores (2006), “dependerá de investimentos na cabeça, no coração e no bolso do professor”. A valorização deste tripé colocará os professores em condição de fazer valer o seu ser e o seu fazer enquanto construtores de um mundo novo no qual a dignidade da vida seja respeitada e promovida. Sem ser ufanista, é preciso estar consciente de que este modelo de formação não traz em seu bojo a “bola de cristal” para todos os problemas da educação, mas ajudará a compreender a estrutura em que o sistema educacional está inserido.

À guisa de conclusão deste capítulo, pode-se afirmar que valorizar o que se chama Formação para Além do Currículo consiste em desenvolver princípios que permitam uma educação transformada e transformadora.

6 RELEVÂNCIA DO TEMA

A pergunta norteadora desta pesquisa: “Em que medida a mística” como parte da formação continuada poderá colaborar com a práxis docente contribuindo para o enfrentamento e a superação das dificuldades que, muitas vezes, transformam o professor “em uma máquina de ensinar”, aparece respondida nos capítulos precedentes que são o resultado da pesquisa bibliográfica realizada no decorrer da realização do programa de mestrado. Todavia, como foi proposto no caminho metodológico, destarte a necessidade de confirmar os estudos com a prática pedagógica e de formação continuada que vem sendo vivenciada, o trabalho não seria completo sem que houvesse uma averiguação *in loco*. Tal procedimento foi realizado por meio da pesquisa de campo, conforme os passos metodológicos apontados na introdução e que agora é apresentada mediante análise dos dados coletados.

A principal indicação em relação à resposta do problema pesquisado consiste na compreensão de que a adoção de atitude mistagógica por parte dos docentes e na compreensão de que um dos focos da formação continuada reside no sentido de superar sua função utilitarista e de preparação para o ambiente transnacional, sugerindo que a formação aponte alternativas solidárias e místicas no cotidiano do ensino/aprendizagem. Os estudos feitos até aqui permitem auscultar alguma perspectiva de resposta para o questionamento levantado como motivação para o trabalho. Pode-se ir compreendendo que o mundo que experimenta o processo metamorfósico da civilização precisa de pessoas que saibam equilibrar trabalho, lucro, profissão, vocação, com valores sociais, são estes que espiritualizam a moral e a ética.

Já se falou ao longo da pesquisa que a função da universidade e da educação não se limita a produzir bons profissionais, mas, antes e acima de tudo, seres humanos, bons, capazes e cultos. Formar implica uma tarefa muito elevada que consiste em transformar o ser humano em pessoa melhor, mais sábia e feliz. É sob este ponto de vista mais facilmente se compreende que:

O que une afirmações tão ambiciosas e sedutoras é sua paixão – e seu caráter vago. Raras vezes fica claro como a educação poderia encaminhar os estudantes para a generosidade e a verdade e afastá-los do pecado e do erro, embora seja difícil não consentir passivamente com essa noção inspiradora, dada sua familiaridade e absoluta beleza (BOTTON, 2011, p. 86).

A pesquisa concluiu pela necessidade, o cultivo e a preparação de sujeitos integrados e integradores, cuja condição docente supere a perspectiva técnica e profissional, sendo também

mistagogos, isto é, pessoas que ensinam mais com a vida e com os exemplos do que com as palavras e o conteúdo. A pesquisa sugere que a tarefa do educador consiste em valorizar a comunhão com o mistério das relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com o transcendente. Em outras palavras, valorizar a questão da mistagogia na formação docente envolve não apenas os currículos, mas, com a mesma ou maior pertinência, o modo como se ensina e aprende.

São antigas as constatações que educar é muito mais do que ensinar ou socializar conteúdos, técnicas e saberes, como se estes fossem uma soma de conhecimentos e soluções. Citando Durkheim, com tradução livre, melhor se entende o significado e a importância da arte de educar:

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o “de criar um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida” (*L’Évolution pédagogique en France*, PUF, 1890, p. 38).

Afinal de contas, bons professores não são necessariamente aqueles que dominam todas as ciências, ou com profundidade a ciência que se propõem a ensinar, mas aqueles que se tornam presença importante na vida dos seus alunos. Dentre os dados que se apresentam como importantes para o “bom o professor”, vale destacar a inter-relação entre a vida profissional e a pessoal. Dito de outra forma, quando a vida e a profissão se encontram, quando os professores não vivem da docência, mas para a docência. E estes se diz que são professores que amam a docência e dela fazem uma arte ou a experimentam como vocação. É neste sentido que:

Amar-se-á um professor que souber – por exemplo, em história – apoiar-se em elementos precisos, minuciosos, severos, rigorosos, cientificamente estabelecidos, mas também mostrar aos alunos os fatos fundamentais, os aspectos gerais, uma síntese que englobe os pormenores e abranja as questões levantadas pelos alunos; evocar os grandes problemas da história, isto é, em última análise, as lutas e as trocas entre as diferentes formas de civilização (SNYDERS, 1995, P. 111).

A pesquisa de campo, por meio da entrevista, constituiu-se numa confirmação dos estudos bibliográficos e fez perceber que o êxito do trabalho docente implica a formação docente não somente mediada pela apropriação de conteúdos, mas sim na questão do saber ser professor, conhecimento que se adquire mediante aquisição de elementos implícitos onde se fazem presentes questões afetivas, de convívio social, de valores que fundamentam a formação. Os valores dizem respeito ao ser humano todo, isto é, consideram o ser e as coisas

que fazem o ser. Com outra formulação que consideram o homem enquanto sensível, logos e metafísico:

Os valores têm assim como função (grande função) guiar o homem na sua caminhada de vida, no sentido da vida e ao mesmo tempo preparar o homem para aquilo que há de vir...os fins últimos, o juízo final. Aqui temos a problemática religiosa e se quisermos escatológica – Isto é, o problema dos fins últimos, a morte, a vida depois da morte, a existência de Deus. Este fato leva a angústias, expectativas, esperanças ou mesmo ao desassossego em que possamos viver (que encontramos por exemplo em Fernando Pessoa). Neste contexto, para aqueles que não acreditam em Deus – os valores são um caminho e um fim de dignidade (morrer digno), um juízo final com dignidade. Para aqueles que acreditam em Deus os valores são como uma mola de impulso para alcançar o Reino Santo (a Cidade de Deus como refere Santo Agostinho). Aquela ideia de que os valores informam Deus sobre o progresso dos homens. Ou aquela ideia de que se erramos é porque ainda não somos humanos como refere Theilhard Chardin na sua antropologia dinâmica (CUNHA, 2011, Anais do X EDUCERE).

As entrevistas também apresentaram a falta de consideração para o tema em referência e indicaram a necessidade deles no processo de formação continuada, conforme se verá na sua análise.

Um exame dos cursos oferecidos para a formação docente e mesmo para outras áreas profissionais indicam que as instituições tomam como objetivo equipar os formandos com habilidades práticas, exigidas para carreiras de sucesso e capazes de responder à estreita condição mercantil e tecnológica. O fato de o tema do SER do professor estar totalmente ou quase totalmente desconhecido pelos docentes pesquisados não causa estranheza, diante dos dados disponibilizados pelo MEC em relação às pesquisas, teses e dissertações de mestrado e doutorado. Tomamos como exemplo o Estado de Santa Catarina no período compreendido entre os anos 2000 e 2009¹⁰. Das 286 dissertações e teses defendidas no período nenhuma tratou da formação do professor levando em conta questões axiológicas ou fez referências a valores e muito menos aos temas ligados a espiritualidade e a mística. Tal situação confirma o que já foi dito anteriormente: o tema é desconhecido quando colocado sob a ótica do que se chama “estado da arte”.

Esta realidade confirma a convicção de Edgar Morin que cita Lichnerowicz dizendo:

Nossa universidade atual forma, pelo mundo afora, uma proporção demasiado grande de especialistas em disciplinas predeterminadas, portanto artificialmente delimitadas, enquanto uma grande parte das atividades sociais, como o próprio

¹⁰ SCHLINDWEIN, Luciane Maria – UFSC. AGUIAR, Maria Aparecida – UFSC. SOUZA, Maria Luiza de Souza e – UFSC. **Formação De Professores no Estado De Santa Catarina: O Que Dizem as Teses e Dissertações**. Curitiba, PUCPR, X EDUCERE, 2011.

desenvolvimento da ciência, exige homens capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas das disciplinas (Apud, MORIN, 2000, p.13).

Não sem razão, durante a realização das entrevistas e na medida em que o tema foi apresentado aos sujeitos da pesquisa, pôde-se sentir neles um misto de medo, curiosidade, intriga, perplexidade e invariavelmente todos solicitaram alguma explicação sobre o tema antes de iniciar o processo de entrevista.

6.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Conforme apontado no caminho metodológico, a análise das entrevistas se deu a partir da hermenêutica levando em conta que:

Análise de conteúdo: se presta para o estudo “das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências” e acrescentamos nós, para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípio, diretrizes etc., que à simples vista, não se apresentam com a devida clareza. (TRIVINÔS, 1987, p.159).

Por análise de conteúdos foi adotado o conceito de Bardin, para quem este procedimento:

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (Apud TRIVINÔS, 1987, p. 160).

A análise das entrevistas se constituiu por três etapas de trabalho compreendidas pela:

- a) Pré-análise
- b) Descrição Analítica
- c) Interpretação Referencial.

A pesquisa que teve como sujeitos vinte professores das redes pública e particular, que atuam no ensino médio e superior nos estados de Santa Catarina e Paraná. Todos do quadro próprio do magistério das instituições pesquisadas com mais de um ano na profissão, sem distinção de confissão religiosa, sexo ou condição social e com habilitação para o exercício da função.

As respostas dadas pelos entrevistados para as nove perguntas que lhes foram sugeridas serão citadas nesta análise sem identificação do entrevistado, mas qualificando-o no espaço, tempo e formação específica. As instituições escolhidas para a pesquisa serão

denominadas simplesmente por A,B,C e os sujeitos entrevistados pelos numerais 1 a 20 os primeiros oito são docentes da instituição “A”, aqueles identificados com os números 9 a 15 atuam na instituição “B” e os identificados com os números 16 a 20 são participantes da instituição “C”. Outra condição para que apareçam citadas as respostas dos entrevistados diz respeito à relevância delas para o contexto geral da pesquisa, de modo que não serão citados todos os entrevistados nem todas as opiniões por eles emitidas.

Dentre os vinte entrevistados, 50% são homens e 50% mulheres, oito pertencem ao quadro de professores da Universidade do Oeste de Santa Catarina, dos campi de Joaçaba e Videira – SC. Todos atuam na docência há mais de cinco anos e nenhum mais que vinte anos. São Especialistas, mestres e doutores nas suas áreas e exercem a docência em cursos nas áreas Humanas, Ciências sociais aplicadas, Ciências da saúde, Tecnológicas e Exatas.

Os professores do ensino médio, sete deles atuam na rede pública do estado do Paraná, todos lotados na Colégio Estadual Paulo Leminski na cidade de Curitiba, têm entre sete e vinte seis anos de profissão, todos do quadro próprio do magistério (efetivos) e com formação para sua área de atuação. Os cinco professores que atuam no ensino médio na Escola Sagrado Coração, instituição particular confessional na cidade de Curitiba PR, têm entre um e vinte e cinco anos de profissão e formação para a área em que atuam na escola.

Quatro dos vinte entrevistados não participam de programas de formação continuada, embora a julguem necessária, mas por razões diversas não participam dos programas oferecidos seja pela própria instituição, seja por outras instituições de ensino.

Seis entrevistados se referiram à temática na formação pedagógica como uma responsabilidade da instituição, alguns deles porque não participam, outros porque participam apenas dos momentos oferecidos pela própria instituição não fizeram nenhuma referência a temas que julgassem necessários para a formação continuada.

Dezesseis dos entrevistados, o que equivale dizer mais de 70% deles, apontaram como necessidade na formação continuada as questões ligadas à formação humana.

Na instituição A, onde oito professores foram ouvidos na pesquisa, as declarações mais significativas em relação ao que se chama “temas transversais” e, no nosso caso específico as questões ligadas à formação mistagógica, apareceram com a seguinte consideração feita pelo professor identificado com o código 4: “Componentes vitais do ponto de vista da sobrevivência da educação formal. O tema não exige ser especialista, mas as relações interpessoais indicam a necessidade de abranger outras questões. Um aspecto é o formativo, outro é a formação humana dos profissionais da educação”.

A instituição “A” oferece semestralmente programa de formação continuada do qual participam pelo menos 90% do quadro docente. O tema se apresenta totalmente novo, mas, uma vez inserido na questão de formação de valores, relação pessoal, reconhecimento da transcendência e do SER, é uníssona a convicção de que o tema precisa aparecer no processo de formação. Segundo alguns tal abordagem facilitaria a tratamento das pessoas com maior humanidade e facilitaria a solução de conflitos preenchendo um vazio que se apresenta na educação.

Na instituição B, na qual sete professores participaram da pesquisa, que também oferece programa de formação continuada para docentes, o destaque para a pergunta sobre a importância do tema da pesquisa no processo formativo aparece com as seguintes considerações expressa por um docente com 26 anos de profissão e identificado, nesta pesquisa, com o código 12: “É preciso pensar primeiro que função tem a escola. No sentido de possibilitar acesso ao conhecimento. Não se pode ignorar que o trabalho do professor é fundado em relações humanas e os temas são primordiais, principalmente a relação discente X docente. Olhar em relação à família e ao contexto social. Ouve-se muito dos professores acusações à família para explicar o fracasso dos alunos. Por isso que eu preciso pensar qual a função da escola. Eu não posso destinar alunos ao fracasso por conta da origem. A família precisa estar junto mas a função da escola é da escola”.

Na instituição C, que participou da pesquisa com cinco docentes, o tema já é tratado nas duas ocasiões em que a instituição reúne seus colaboradores para formação continuada, e mesmo durante o ano letivo, em diversas ocasiões pontuais. Tal prática tem modificado consideravelmente a relação entre professor x professor, professor x aluno, instituição x colaborador, instituição x clientela. De um modo geral, a questão da mística fez da escola uma unidade diferenciada na oferta da educação fundamental diante do mercado educacional que tem se estabelecido nos últimos tempos.

A elaboração do questionário/roteiro para a pesquisa facilitou os encaminhamentos de resposta às angústias que motivaram o estudo. Antes de fazer referência propriamente ao tema objeto da preocupação, ou seja, da mistagogia, a entrevista auscultou a preocupação dos docentes.

As perguntas três e quatro, mais genéricas, sobre formação já começaram a indicar que se constitui numa preocupação de toda a classe e em todos os lugares o que foi também objeto do questionamento formulado pelo professor pesquisador.

Os vinte entrevistados foram quase unânimes em afirmar que as instituições e os próprios docentes serão sujeitos melhores, na medida em que tiverem ao seu alcance programas de formação continuada. Alguns dos entrevistados declararam não participar de atividades formativas, mas se reconhecem em débito consigo mesmo no que se refere à realização pessoal e a respostas que a profissão vem exigindo ano após ano.

A quase totalidade dos professores da instituição “A” indicaram ser necessário que a formação continuada aborde temas cujo foco seja mais do que “aprender a dar aula” ou “conhecer o conteúdo que vai trabalhar”. Dentre as respostas mais significativas para a questão de número quatro: Cite, espontaneamente, pelo menos, três eixos temáticos que lhe pareça necessário fazer parte dos programas de formação continuada para docentes? Destacam-se as seguintes respostas:

INSTITUIÇÃO “A”

Professor 1: “Se a formação continuada não levar em conta a preparação do SER humano, sua ótica se encaixa na globalização mercantilista e seu foco é estritamente capitalista”.

Professor 2: “Formação continuada tem a ver com o ser humano completo, tem a ver com espiritualidade. Educação não pode ser reduzida a mera técnica é preciso conteúdo mais amplo do que o pedagógico e o didático”.

Professor 3: “Formação continuada precisa valorizar o ser humano, a escola deve, enfim, deixar de ser apenas técnica. Em todas as áreas há carência de mística no sentido de olhar para o humano tal como ele é: HUMANO!”.

Professor 4: “Na formação continuada, os assim chamados temas transversais são componentes vitais do ponto de vista da sobrevivência da educação formal. As questões relativas ao SER do professor exige formação especializada. As relações interpessoais indicam a necessidade de abranger outras questões. Um aspecto é o formativo outro é a formação humana”.

Professor 5: “O processo de formação que não leva em conta a pessoa facilita a acomodação no pensar. Formação continuada que não leva em conta questões de espiritualidade e de relações cerceia o diálogo e reduz a educação a meritocracia, a disciplina e a punição”.

Professor 6: “A formação continuada precisa levar em conta a sua área profissional e a metodologia, mas não pode esquecer a questão da diversidade. É preciso buscar a unidade que não está na materialidade”.

Os outros dois professores se limitaram a afirmar que a formação continuada precisa ir além do pedagógico e didático sem, contudo, fazer referência a outros temas que lhes parecesse importante.

Dos sete professores consultados na instituição “B” seis apontaram como eixos temáticos para a formação continuada conteúdos que fossem além da preparação técnica, pedagógica e didática.

Professor 9: “Formação continuada precisa contemplar espaço para discutir o fenômeno da espiritualidade, dos valores, em resumo ir além do mercado”.

Professor 10: “A formação continuada precisa facilitar ver o aluno no seu todo. Trabalhar melhor a espiritualidade, se preocupar mais com o SER ir para o centro da questão, ou seja, o interior da pessoa”.

Professor 11: “Na formação continuada não se pode deixar de lado a questão espiritual. Estamos num tempo em que é preciso deixar de lado o econômico é preciso evoluir espiritualmente. Educação é muito mais do que sala de aula, é muito mais do que mercado. Formação não é sinônimo de passar conhecimentos, formação implica em passar experiência de vida”.

Professor 13: “A formação continuada deveria trazer para a escola questões de relações humanas, família, segurança, paternidade e maternidade. É importante discutir o papel do professor na relação com o aluno”.

Professor 14: “A formação continuada precisa contemplar temas que vão além do papel do professor. Tem que haver a questão da espiritualidade. A educação tem grande complexidade e, muitas vezes, é tratada com superficialidade. Reduzir a formação ao pedagógico reduz a educação à produção e isso não serve para nada”.

Professor 15: “Formação continuada sem espiritualidade prepara para o mercado e o capital. É preciso fazer um trabalho para ajudar o outro, distanciar a educação da competição e do mercado”.

Por sua vez, na instituição “C” cuja prática de formação continuada a pesquisa indicou ser ainda mais consistente e com foco no SER do professor, os pesquisados se manifestaram do seguinte modo em relação aos eixos temáticos:

Professor 16: “A formação continuada deve contemplar a formação metodológica, didática, percepção das ciências, investigação na prática, habilidades e competências. É importante ressignificar a educação”.

Professor 17: “A formação continuada deve ter em conta além das áreas de conhecimento a questão de valores. Quando se trata de conhecimento, os alunos adquirem a informação sobre eles muito rapidamente. É preciso trabalhar a questão da espiritualidade, pois o docente vai para o mercado de trabalho só com a preparação profissional. Cabe a instituição garantir uma formação na ação (continuada) capaz de fazer do profissional um místico”.

Professor 18: “A formação continuada haverá de levar em conta o processo de construção do conhecimento e a maneira como se dá a aprendizagem e a ensinagem. O educador não pode ir para a sala de aula sem o cultivo de uma mística, sem uma compreensão de transcendência, isto lhe dará instrumentos para melhor se relacionar e colocar em prática a sua missão de ensinar”.

Professor 19: “É importante que a formação continuada tenha presente os conteúdos que o professor vai ensinar, mas também e de modo muito específico questões relativas ao gerenciamento da sala de aula, como fazer o aluno aprender melhor, como ajudar o aluno a ser mais autônomo. Diante da educação mercadológica precisa preparar o professor para modificar e modificar-se. O docente necessita estar bem preparado espiritualmente para fazer a diferença no trabalho”.

Professor 20: “É preciso ir além do material, a formação continuada precisa tocar o cidadão, relacionar com a vontade de viver bem e em harmonia”.

Considerando a necessidade de apresentar uma interpretação referencial para as respostas dos entrevistados não se pode fugir do conceito dado por Bardin (1979), de que a interpretação implica em ressignificar os termos e as afirmações emitidas pelos entrevistados aplicando-os, sem distorções, ao conjunto da pesquisa. E, neste caso, as respostas dadas pelos docentes em referência facultam compreender a unanimidade dos docentes no que diz respeito a necessidade de formação continuada bem como em relação ao leque de eixos temáticos por eles levantados.

No todo, as afirmações dos entrevistados evidenciam uma insatisfação com a direção que está sendo dada à formação continuada nas distintas redes de educação, seja ela particular comunitária, particular privada ou pública. Outra constatação importante evoca a universalidade da preocupação por questões relativas ao SER do professor tendo em conta os distintos locais pesquisados. Seja entre docentes do ensino superior em Santa Catarina, seja entre docentes da Escola Pública do Paraná, ou na Escola confessional, as preocupações denotam o mesmo sentimento na expressão de todos os docentes.

Perguntados sobre religião e espiritualidade, (questão de número cinco no roteiro da entrevista) a totalidade deles afirmou que não são a mesma coisa e que uma pessoa pode ter espiritualidade sem necessariamente praticar uma religião. Dentre os depoimentos dos vinte entrevistados, limitamo-nos a apresentar apenas quatro detectadas nas declarações de docentes das três instituições pesquisadas:

Instituição A código 4: “Religião e espiritualidade são diferentes. Religião é opção que vai se consolidando ao longo da vida. A grande decepção do ser humano é admitir a sua finitude. Espiritual é subliminar, é a conexão com o campo espiritual. Religião é rito. Espiritualidade é a-religiosa, é nata. Espiritualidade traz explicações. Para cultivar uma espiritualidade não precisa ser religioso. Espiritualidade é conduta de valores. Espiritualidade é vida, é sintonia com a vida”.

Instituição B código 11: “Religião e espiritualidade – não são a mesma coisa. A pessoa pode ser espiritual sem ter uma religião. Espiritualidade tem a ver com espírito. Tem relação com a vida profissional. É muito amplo, mas estando de bem consigo mesmo e com os outros é importante para a vida profissional. Uma espiritualidade mais tranquila leva a pessoa a produzir melhor. Fazer o que se gosta significa também espiritualidade”.

Instituição C código 16: “Religião e espiritualidade – são saberes necessários, não são a mesma coisa, se completam. Mas é preciso se alimentar da espiritualidade. Espiritualidade não é sinônimo de religião. Espiritualidade é da alma, daquilo que não se vê, mas tem a ver com tudo o que você faz”.

Instituição C código 20: “Religião e espiritualidade – se completam. Posso não ter religião, mas ter espiritualidade. Tem tudo a ver com o cotidiano das pessoas. Muitas pessoas não sabem que experimentam isso”.

A sexta proposição apresentada aos sujeitos da pesquisa foi direcionando com maior objetividade para o cerne do problema levantado pela pesquisa. E nesse particular, começa a aparecer a deficitária compreensão do tema, o que não é nenhuma novidade considerando o “estado da arte” e a constatação feita a partir do que mostram as teses e dissertações no estado de Santa Catarina. Diante da pergunta: Tem algum conhecimento do significado dos vocábulos: Mística, Mistagogia, Mistagogo, Pedagogia, Pedagogo? Todos os entrevistados ficaram perplexos e num primeiro momento tiveram dificuldade para verbalizar o conhecimento de todos os termos. Todavia, nenhum deles deixou de emitir o seu parecer. De acordo com o propósito da entrevista a citação das respostas dadas depende da relevância

delas para o tema da pesquisa. Para a questão de número seis, selecionamos apenas nove resposta que merecem destaque maior desde o ponto de vista da hermenêutica.

Instituição A professor 4: “Mística – é do campo da espiritualidade. Postura, consciência. Mistagogia – palavra nova. Prefixo é relacionado à mística, mas não pode separar do ato de ensinar. Passar não somente a dimensão de conteúdo, mas nela a dimensão de valores, de ética, de visão de mundo é um exercício da mistagogia. Pedagogo x mistagogo – a pessoa se caracteriza por “n” formas de condutas que tem conduta ainda mais diferenciada. Na concepção, na forma de olhar, de acolher. Mistagogia tem a ver com o processo de formação cultural – aprendizagem por osmose – é um fortalecimento na postura da seriedade ou superficialidade. Não precisa currículo”.

INSTITUIÇÃO B

Professor 11: “Mística – tema ver com extraordinário – eu acho que o místico vai alimentando a crença. Mistagogia – é o desenvolvimento da parte humana e pessoal de cada um. Pedagogia x mistagogia – pode ser aplicado a cada pessoa que é diferente e precisa descobrir o mistério que faz se questionar. O Pedagogo precisa de qualificação. E o Mistagogo: principalmente o exemplo próprio”.

Professor 12: “Mística e ações do cotidiano são unas, não se pode fragmentar. Eu sou mãe, professora, amiga, colega, sou corpo e a alma, mas eu sou uma. Não posso separar aqui funciona mística aqui funciona o cotidiano. Mística tem a ver com mistério. Mistagogia – Agora de repente parece que pode... Na medida em que eu digo que as nossas ações não podem se fragmentar. Então toda a nossa multiplicidade acaba se manifestando na pessoa que somos. Nesse caso a nossa espiritualidade transparece na ação pedagógica. Mistagogo: tais falando do mistagogo como atividade? Eu fico imaginando que não precisa ter um lugar para o mistagogo. O que devesse, era na formação do professor, ele pudesse se perceber mistagogo. Acho interessante a colocação do pedagogo que conduz ao saber e o mistagogo conduz no mistério e não AO mistério. A gente não pode se perceber no achismo, precisa formação”.

Professor 14: “Mística tem relação com espiritualidade porque nem tudo é explicado. Um professor apaixonado pode ser chamado de místico. Parece estar contido no pensamento de Paulo Freire quando fala de algo fora do material, quando fala das questões de utopia”.

INSTITUIÇÃO “C”

Professor 16: “Mística pode ser aplicado a espiritualidade. O professor é um mistagogo sendo uma presença de Deus para o mundo”.

Professor 17: “Mística – contida na espiritualidade é o jeito de fazer e de ser é a paixão que vai impulsionar. É o que empurra para a ação. Mistagogia – Nós tivemos um curso que falava da espiritualidade é o místico que faz acontecer a pedagogia de uma maneira extraordinária. É a paixão do místico que faz com que sua atuação seja diferenciada. A educação tem um Q de mistagogia. Mistagogo – A preparação deste vai além do pedagogo porque está impulsionado pela espiritualidade, busca a transcendência a partir do seu fazer. Faz com que seu cotidiano seja impulsionado pela mística que alimenta dentro de si”.

Professor 19: “Mística é o jeito de colocar pra fora o bem que está dentro de você. Quando, por exemplo, os alunos o veem alegre isso é resultado da mística”.

Professor 20: “Mística está interligada com a prática e isso vai fazer com que mude o seu jeito de pensar. Mistagogia é ir além do material é trabalhar com a espiritualidade”.

Para uma interpretação referencial destas afirmações é preciso levar em conta que no momento em que o tema da dissertação era a apresentado ao pesquisado, o mesmo pedia esclarecimentos sobre a inédita expressão “mistagogia” aplicada à educação. Deste esclarecimento dado no início de cada entrevista, a resposta para a questão de número seis permite perceber que, de um modo geral, os docentes tem noção do que seja mística, no sentido de paixão, de garra, de vibração, de conexão com totalmente outro. Todavia, encontram dificuldade em conectar este sentimento com o cotidiano da prática docente e com o exercício da pedagogia e a função do pedagogo compreendido na condição de quem conduz e aproxima o saber das pessoas e o mistagogo como aquele que aproxima as pessoas do mistério. Tal condição permite ir associando as sugestões dos docentes em relação aos eixos temáticos e ao que se chama, na pesquisa, formação mistagógica do docente.

Perguntados sobre o seu conhecimento em relação à metamorfose civilizatória, crise das sociedades e sua relação com a educação, os professores pesquisados também se mostraram bastante confusos, mas nenhum deles se furtou em responder, nem tampouco fazer a relação solicitada. Nessa perspectiva são destacadas algumas afirmações:

INSTITUIÇÃO “A”

Professor 1: “Tem relação sim. Trata-se da passagem do ensino tradicional prescritivo para o relacional descritivo”.

Professor 2: “Metamorfose civilizatória é transformação de paradigmas. Nossa civilização é consumista. A transição de civilizações ligadas ao ser menos do que ao ter”.

Professor 4: “Metamorfose se dá também no processo de formação continuada. Na verdade o crescimento se dá na metamorfose. A EAD é uma metamorfose na educação”.

Professor 5: “Nada pode ficar parado. Estamos num período em que nada está sob controle. A escola está um caos, existe formação continuada, mas não toca o cidadão”.

INSTITUIÇÃO “B”

Professor 9: “Metamorfose é a fase que o mundo está passando, especial na área da educação. É uma crise civilizatória com relação ao cidadão que está deixando de vivenciar os valores humanos”.

Professor 12: “Metamorfose: é igual à mudança, transformação. Crise eu acho que sempre é crise. Ou é crise ou fruto da crise. Não é necessariamente negativa. A crise é vista primeiro como positiva. A Metamorfose interfere na educação: fico com vontade de aperfeiçoar na etimológica da palavra. É complicado falar de metamorfose, quando você pensa que o ideal da educação é a transformação da sociedade. Aí reside o paradoxo da sociedade que ao mesmo tempo em que a reproduz, também transforma. Vai se dar metamorfose na educação quando há mudança social”.

Professor 14: “A educação hoje tem uma função muito diferente do que há pouco tempo. As tecnologias que vieram mudou muito o jeito das pessoas aprender e estudar. Parece preconceito, mas é uma transformação constante da pessoa. Acho muito mais importante colocar questões do que doutrinar pessoas”.

INSTITUIÇÃO “C”

Professor 16: “O que é metamorfose? Tema complexo. Momento de transição para um novo tipo de sujeito. Professor e o aluno não são mais o que foram. Estamos num momento crucial de entender que estamos num momento de reconstituição do ser humano. Precisa mais do que formação de faculdade. O Ensino superior não deu o conhecimento do que é escola, do que é aluno. Nada do que a gente tem é igual ao que já foi”.

Professor 17: “A expressão metamorfose não é desconhecida, mas nunca tinha ouvido associada a educação. Trata-se de um tempo em que a civilização está deixando de ser uma para ser outra. Está acontecendo uma metamorfose no modo de pensar a educação, os problemas, aceitação das diferenças”.

Professor 18: “Transformação que acontece sutilmente. Há um comportamento uma mudança na civilização. É muito próxima da educação que passa diariamente pelo processo de construção”.

Professor 19: “A civilização tem um caminhar histórico. Ela vai se modelando, se reagrupando. São mudanças implícitas na atividade humana, também na educação.

Professor 20: “Trata-se de um processo que faz com que o ser humano seja sempre mais humano. É processo. Se aplica a educação que não é estática. Tudo é transformação”.

Como se percebe, as 12 respostas citadas, tem unanimidade em afirmar a questão processual que se dá educação. Dito de outro modo, os entrevistados apresentaram maior facilidade de opinar na medida em que dissociaram as expressões. Basicamente falaram sobre metamorfose, depois sobre crise e finalmente sobre educação. Uma vez conceituado cada um dos vocábulos foi possível relacioná-los entre si e perceber que tal situação faz parte do cotidiano da docência.

Com olhar hermenêutico, como é o propósito desta análise, também para esta questão é possível perceber que a temática precisa ser mais bem trabalhada nos programas de formação continuada de modo a oferecer aos docentes mecanismos de interpretação e de respostas para os problemas que se apresentam novos a cada dia no desenrolar da sua missão educativa.

A oitava e penúltima pergunta da pesquisa trata da distinção entre Mistagogia, Mistagogo e Metamorfose. Nesse particular, os pesquisados divagaram um pouco e as respostas foram menos próximas do que se poderia estimar. Assim, parece importante considerar as seguintes respostas:

INSTITUIÇÃO “A”

Professor 1: “No contexto da metamorfose globalizadora a pedagogia virou um comércio onde a espiritualidade não tem lugar, mas se dá uma simples transmissão de saber. O foco é capitalista e a educação é globalizadora. Não há uma preparação do ser humano. É na crise de que Deus aparece”.

Professor 2: “Educação está longe de ser mistagógica – se distanciou de ser humanizante e se focou nas habilidades e técnicas para o mercado. É mercantilista, mesmo sendo pública. O estado dá uma linha mercadológica para a educação. Mistagogia implica em dar um sentido mais amplo do que normalmente se pensa para a educação. Ela não pode ser mera técnica, tem a ver com o ser humano completo e isso tem a ver com espiritualidade”.

Professor 4: “Mistagogia tem a ver com o processo de formação cultural que se processa no tempo. Trata-se de aprendizagem por osmose. É um fortalecimento na postura de seriedade. Não precisa de currículo”.

Professor 5: “Diante do vazio e da falta de valores que se vê é importante cultivar a vontade de viver bem e em harmonia, se preocupar com o bem, ver a repercussão no amanhã. Significa buscar a unidade que não está na materialidade. Ver, por exemplo, o que preocupa em relação aos colegas, aos pais. Não é a mesma coisa que atribuir tudo a Deus como se fosse um fatalismo”.

INSTITUIÇÃO B

Professor 9: “As escolas precisam dispor de espaço para discutir o fenômeno espiritual, a questão da perda de valores e ausência das famílias. Sem mistagogia se perde a solidariedade e a camaradagem”.

Professor 10: “O mistagogo será aquele que se dedica mais, se preocupa com a vida do aluno. Formar tem a ver com educar que vai além do que passar conhecimento. Mistagogia está por dentro da pessoa e da educação”.

Professor 11: “O ser humano já evoluiu um pouco, eu acho que não se pode deixar de lado a questão espiritual. Se você pega uma filosofia de vida que te leva para a espiritualidade, no momento em que uma pessoa faz uso do seu livre arbítrio ele vai procurar responder onde está fazendo melhor e a sociedade só tem a ganhar com isso”.

Professor 12: “Mistagogia tem a ver com espiritualidade na dimensão que se falou há pouco (questão cinco), como característica do ser humano. Eu acredito que não haja mesmo uma sociedade sem Deus. Acho sim que existem sociedades que negam Deus. Mas mesmo na metamorfose, Deus tem o seu lugar”.

Professor 13: “Mistagogia tem função de mistério. A educação, o conhecimento é um mistério assim como a metamorfose”.

Professor 14: “Educar e formar tem a ver com a felicidade do ser humano. Eu não acredito em educação apenas para o trabalho. Eu acredito em educação para pensar não para formatar. A escola disciplina, controla, mas não domestica. No processo de transformação tem que haver a questão da espiritualidade. A educação tem grande complexidade e não pode ser tratada com superficialidade”.

Professor 15: “Falta mistagogia na formação do professor. O ensino na forma que tá não tá formando para a espiritualidade. É preciso superar a ideia de competição, precisa trabalhar a questão da mútua-ajuda”.

INSTITUIÇÃO “C”

Professor 16: “Na metamorfose a espiritualidade deve estar mais presente, é preciso reumanizar as relações. Deus ainda tem lugar na sociedade. O novo mundo dará um salto de qualidade se formos capazes de dizer que há uma possibilidade de fazer diferente. Acolhimento é mais importante do que tolerância. Temos que ressignificar a imagem de Deus.

Professor 17: “O ser humano está voltando ao divino, ao superior, ao transcendente. Está percebendo o que é humano e o que não está ao alcance dele. A mistagogia se constitui na maneira como você vai passar ao seu aluno”.

Professor 18: “Deus está na metamorfose: tenho certeza quando falo da espiritualidade, ainda que venha dizer que não tenha. Na fala, na entrevista a gente percebe que tem um cultivo na transcendência”.

Professor 19: “Nós precisamos de Deus e isto é mistagogia. Se você consegue propagar espiritualidade vai servir de espelho nesta nova forma de viver”.

Professor 20: “Mística está interligada com a prática e isto vai fazer que mude o seu jeito de pensar. É ir além do que é material, é trabalhar com a espiritualidade”.

Seja na pré-análise desta questão, seja no conjunto das indagações, as respostas dos entrevistados denotam sempre uma deficitária compreensão da questão que lhes foi apresentada. Não se trata propriamente de não conhecimento do tema, pelo contrário, parece ser uma relação difícil entre eles por conta da novidade que o tema representa para a educação e formação docente. Todavia, todas as respostas se constituem por um eixo integrador no qual é possível perceber o desejo dos educadores de melhor conhecer e explorar a temática e a relação que ela tem com o cotidiano da ação educativa e formativa.

E, finalmente, a nona e última pergunta da entrevista instiga o pesquisado a emitir juízo sobre a necessidade de, na formação continuada, abordar questões de mística e espiritualidade e sobre pertinência destes temas nos programas de formação. Sobre isso, os entrevistados se manifestaram afirmativamente, sendo que algumas das declarações parecem ser mais oportunas aos propósitos da pesquisa.

Para melhor compreender o sentido das respostas transcritas, é importante ter bem presente o teor da pergunta apresentada ao pesquisado: “No seu entender, julga que a questão da Mistagogia é um tema que deveria fazer parte dos programas de formação continuada de docentes?” Alguns dos pesquisados fizeram referência à terceira proposição reportando-se a resposta que já tinham dado para aquela questão. Foram selecionadas onze respostas para efeito de análise.

INSTITUIÇÃO “A”

Professor 1: “Mistagogia nada tem a ver com pedagogia. Pedagogo precisa ser preparado tanto quanto o mistagogo. Deveria ser preparado para dar um referencial ao mistério, ele teria que ter algum tipo de referência. Para não recair numa simples filosofia, do abordar por abordar e seria uma espécie de ideologia. Espiritualidade não precisa ser um componente curricular”.

Professor 2: “É preciso melhorar a espiritualidade para dar condições de trabalho ao professor. Perdemos a solidariedade e a camaradagem”.

Professor 3: “Que o professor se dedique mais, se preocupe com o ser, com a vida do aluno. Precisa de formação. Formar tem a ver com educar que vai além de passar o conhecimento. Está por dentro da pessoa e da educação tá faltando Deus, espiritualidade”.

Professor 4: “O ser humano já evoluiu um pouco, eu acho que não se pode deixar de lado a questão espiritual. Chega um tempo em que tem que deixar de lado o que é só econômico. É preciso evoluir espiritualmente. A gente não vai fugir dessa realidade”.

Professor 5: “Sim é importante abordar estas questões na formação. É preciso buscar a unidade que não está na materilidade. Falta mistagogia na formação do professor. As novas tecnologias proporcionaram grandes conquistas ao mesmo tempo em que comprometeram a questão da solidariedade”.

INSTITUIÇÃO “B”

Professor 9: “É preciso ressignificar, a espiritualidade deve estar mais presente, é preciso se reumanizar. Como serão nossas relações. Descobrir que acima de tudo a gente pode, nas diferenças, pode se fazer alguma coisa juntos. Deus ainda tem lugar na sociedade. Melhorar a espiritualidade implica também na melhora das condições de trabalho do professor”.

Professor 12: “Com certeza eu acho que o educador não pode ir pra sala sem o cultivo da sua mística, da sua espiritualidade. Tem que dar continuidade no processo formativo, porque o ser humano precisa estar imbuído dessa busca constante de transcendência para que melhor possa se relacionar e melhor colocar em prática a sua tarefa de ensinar. A mística ajuda a ver o aluno no seu todo”.

Professor 14: “A formação do professor deveria ter estreita relação com a mística. O sistema não está preocupado. Faz muita diferença ter ou não mística na formação e a relação na sala de aula acontece de maneira diferente. O fazer em sala de aula está imbuído da mística que é alimentada”.

INSTITUIÇÃO “C”

Professor 16: “Necessita sim, a fim de modificar a pessoa. A partir do momento que o conhecimento espiritual significa pra você, você age de forma diferente. Quando você está bem espiritualmente, se utiliza da mística no dia a dia você consegue fazer diferença no trabalho”.

Professor 18: “Quando está em dia consegue modificar a educação. A educação quando está inserida na espiritualidade, você consegue mais harmonia. A meu ver nós precisamos de Deus”.

Professor 20: “Sem Deus não conseguiríamos compreender a metamorfose, porém não me parece que necessite ser um componente curricular dos cursos de formação continuada”.

Mediante análise referencial da pesquisa se chega a esta última questão podendo afirmar que os docentes, de uma maneira geral, a partir das experiências pesquisadas, estão sedentos por novas relações. Apontam para outro modelo de preparação para o mercado e de interação com o trabalho, compreendem ser necessário uma “metamorfose” nos programas de formação. Sintetizando, transformação em todo o exercício da docência e na compreensão desta profissão/vocação no seio das escolas, das famílias e das sociedades.

Uma constatação importante e necessária para a análise da pesquisa precisa ser evidenciada no que se refere aos entrevistados identificados com os identificados com os números 6, 7 e 8. Os três casos aceitaram participar da entrevista, porém relativizaram todas as questões divagando nas respostas. A primeira constatação que se pode fazer tem referência com que se chama o primeiro bloco de perguntas, numeradas de um a quatro. Nenhum dos professores em questão duvidou da formação continuada, nem tampouco mostrou-se entusiasta por esta prática nas instituições. Todos se recusaram a dar respostas indicando eixos necessários para os programas de formação continuada. Nas respostas cinco a oito deram respostas lacônicas fazendo afirmação categórica: “não”.

Por razões óbvias não seria necessário ouvir a resposta para a questão nove, a qual evidentemente nem foi aplicada aos entrevistados. Nenhum dos três professores quis fazer qualquer outro comentário sobre a preocupação apresentada pelo pesquisador/entrevistador nem tampouco manifestaram qualquer curiosidade em interar-se sobre a formulação do problema da pesquisa.

Diferentemente do trio acima citado todos os demais professores teceram comentários sobre a relevância da pesquisa mostrando-se deveras interessados no resultado final dela e nas conclusões que seriam apresentadas pelo pesquisador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema que motivou a realização desta pesquisa e que partiu de uma angústia pessoal em relação à formação inicial e continuada do docente parece ter encontrado algumas alternativas de respostas para a questão levantada. Tratar as questões espirituais na formação docente se apresenta uma necessidade fundamental quando se trata do SER do professor muito mais do que o ser professor. Na primeira condição, o docente realiza a união de competências e habilidades com um conjunto de convicções e experiência de vida.

Não é razoável que a formação docente se conforme às dimensões técnicas e conteudistas. Chega-se à conclusão que o professor mistagogo é aquele que conhece bem e que ensina bem. Embora não existam receitas ou soluções prontas e acabadas, a questão da formação docente aponta para uma ação que vá além do currículo e do conteúdo. Isso posto, de uma maneira que o docente mistagogo seja uma presença calorosa no cotidiano dos seus alunos e da comunidade escolar.

O professor mistagogo será alguém capaz de apresentar o mundo, sendo um agente de transformação pessoal, responsável por encaminhamentos significativos, por revelações, por ser paradigmas, por momentos importantes. Suas significâncias éticas, suas exigências e expectativas, sua compreensão do real interesse de cada aluno permeiam toda a arte de educar.

Parafraseando Botton¹¹ diria que: *“o número de pessoas que participam das escolas sugere que esses locais devem ser refúgios contra o anonimato e a frieza, mas na realidade elas não têm mecanismos para fazer de seus frequentadores uma comunidade capaz de superar as desconfianças, romper com a segregação, abrir os corações, compartilhar suas vidas com os demais membros da comunidade. O foco está na instrução, na disciplina, no conteúdo e poucas vezes nas oportunidades para ser pessoa e aprofundar as afeições. Em uma escola, tanto quanto em uma casa, quando a ordem, a autoridade, o conteúdo, o projeto*

¹¹ O número de pessoas que frequentam restaurantes todas as noites sugere que esses locais devem ser refúgios contra o anonimato e a frieza, mas na realidade, não tem mecanismos sistemáticos para apresentar os fregueses uns aos outros, para dispersar suas desconfianças mútuas, para romper os clãs em que as pessoas cronicamente se segregam o para que abram o coração e compartilhem suas vulnerabilidades com outros cidadãos. O foco está na comida e na decoração, nunca nas oportunidades para ampliar e aprofundar as afeições. Em um restaurante, tanto quanto em uma casa, quando a comida em si – a textura dos escalopes ou a umidade das abobrinhas – torna-se a principal atração, podemos ter certeza de que algo está fora de lugar (BOTTON, 2011, p. 37).

político pedagógico, torna-se a principal atração, podemos ter certeza que tudo está certinho, mas que está estranho isso está”.

O professor mistagogo não é um super-homem, ou um ser humano fora do seu tempo, mas uma criatura em perfeita sintonia com as profundas transformações pela quais passa a civilização considerando os aspectos sociológicos, ambientais, políticos, econômicos e tecnológicos. É um ser que necessita e é capaz de apaixonar-se. Muitos dos problemas no cotidiano da docência estão relacionados à capacidade de apaixonar-se, virtude sem a qual a mediocridade suplanta as soluções.

Chega-se à conclusão que, além de professores tecnicamente preparados, a mística leva em conta a dimensão da “totalidade humana, e deste modo contribui para o desenvolvimento de todas as potencialidades: profissionais, biofisiológicas, intelectuais, emocionais, espirituais e sociais”. Nesse sentido, o professor mistagogo deixará de ser e agir como sujeito que, no dizer de Kant, parece agir sempre mandado por alguém e pela pedagogia.

A questão da mística e da mistagogia não tem pátria nem religião. É um fenômeno cultural que está na origem das instituições. No processo metamorfofísico pelo qual passa a civilização contemporânea, também chamado processo de mundialização, o sagrado é o misterioso, o profundo se apresenta como uma satisfação que pode ser compreendida como luz inacessível transcendente, mas que habita no ser humano e que o constitui como um ser em busca da sua realização, conforme já havia dito Santo Agostinho: “inquieta está meu coração enquanto não repousa em ti”.

A máxima cristã do amor ao próximo se concretiza na educação à medida que o indivíduo é capaz de gostar de si mesmo sem se narcisizar. O mistagogo é muito mais do que um militante que se esfolou na luta pelo socialismo utópico, esquecendo-se da poesia, da gratuidade, do lúdico e do festivo.

O docente mistagogo é um trabalhador que trilha seu caminho interior com criatividade e faz da educação uma “prática da liberdade”, na certeza de que não existe “caminho, o caminho se faz ao andar”.

À guisa de conclusão, é pertinente reafirmar que viver segundo a condição de mistagogo é uma construção que se faz desde o cotidiano da formação inicial e continuada, constituindo-se num processo ininterrupto e interminável de fazer-se professor segundo critérios muito mais abrangentes do que se qualificar para a docência com o domínio de técnicas, conteúdos e pedagogias. Em síntese, pode-se dizer que formação mistagógica consiste no diálogo entre o ser consigo mesmo e com as demais criaturas no contexto da

corresponsabilidade sustentável que também pode se denominar ética planetária no sentido de estabelecimento de um contrato solidário.

7.1 Possíveis conclusões

Partindo do princípio de que toda pesquisa se constitui sempre em um caminho que se faz e que aponta caminhos e tendo presente a inquietação motivadora desta pesquisa é mais que oportuno elencar algumas conclusões possíveis, obviamente não únicas nem acabadas.

Um dado que é significativo para a elaboração das pistas conclusivas indicadas pela pesquisa reside no fato em que os autores que compõe a bibliografia básica não tem em sua biografia traços de sujeitos imersos no mundo das humanidades, das espiritualidades, ou das religiões. Pelo contrário são pessoas preocupadas com o SER das pessoas e a complexidade das suas relações com o mundo¹². Da mesma forma os professores sujeitos da pesquisa não foram selecionados tendo em conta princípios ou convicções religiosas ou espirituais. São profissionais da educação e que neste ambiente realizam-se na docência e realizam a docência.

Neste sentido são elencadas as possíveis conclusões as quais foram também aceitas e bem avaliadas pela banca que avaliou a defesa.

- Os docentes estão sedentos por novas relações;
- Apontam para outro modelo de formação que não seja a preparação para o mercado;
- Compreendem ser necessário uma ‘metamorfose’ nos programas de formação;
- Pedem transformação no exercício da docência e na preparação para ela;
- Desejam evoluir na compreensão da relação profissão/vocação no seio da escola, da família e da sociedade.
- Aceitam que as questões da espiritualidade se apresentam como necessidade fundamental quando se trata do SER do professor mais do que o ser professor;
- Concordam que não é razoável que a formação se conforme às dimensões técnicas e conteúdistas;
- Entendem que o mistagogo é aquele que conhece bem, que ensina bem e que vive bem;
- Estão de acordo que o mistagogo é uma presença calorosa no mundo da educação;

¹² Sugere-se conferir currículo ou biografia dos autores citados no resumo.

- A Almejam que o docente, descobrindo sua condição de mistagogo, se constitua num agente transformador na arte de educar;
- Sabem que o mistagogo não é um super homem, ou uma pessoa fora do seu tempo, mas uma criatura em perfeita sintonia com a metamorfose civilizacional;
- Tem consciência que o docente mistagogo é um indivíduo capaz de apaixonar-se, virtude mediante a qual muitas dificuldades serão suplantadas;
- Subscrevem que a Mistagogia contribui para o desenvolvimento de todas as potencialidades;
- Admitem que a Mistagogia não tem pátria, nem religião, sua origem não está nas instituições;
- Aprovam que o sagrado é o misterioso que se apresenta como satisfação e realização, é a concretização do que disse Santo Agostinho: “Inquieto está meu coração enquanto não repousa em ti”.
- Aceitam que o amor ao próximo implica, antes de tudo, amar-se a si mesmo;
- Reconhecem que o místico é muito mais do que uma socialista utópico – é alguém capaz da cultivar a poesia, a gratuidade, o lúdico e o festivo;
- Tem a percepção que o docente mistagogo cultiva seu caminho interior e faz da educação uma prática da liberdade;
- Cultivam o ideal de que o Mistagogo se faz em todo o processo formativo como um caminho ininterrupto e interminável;
- Avalizam que a Mistagogia é muito maior do que qualificação para o trabalho;
- Afirmam que Mistagogia é um diálogo consigo, com o outro e com todas as formas de vida num contexto de corresponsabilidade sustentável;

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny (org). **Meu professor inesquecível**. São Paulo: Gente, 1997.
- ALAMI, SOPHIE. **Os métodos qualitativos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestres: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. **Imagens quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- BAZARRA, Lourdes; **Ser professor e Dirigir Professores**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BENTO XVI. **Deus Caritas est**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BETTO, Frei & BOOF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis, Vozes, 2010.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOGAZ, Antônio S. **Deus onde estás**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BOTTON, Alain de. **Religião para ateus**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- BRANDÃO, Euro. **Universidade e Transcendência**. Curitiba: Champagnat, 1997.
- BRIDI, Maria Aparecida. **Ensinar e Aprender Sociologia no ensino médio**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BUITRAGO, José Penalva. **O Professor como formador moral**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CASTELS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Valdir José de. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulus, 3ª.ed. 2008.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- CHALITA, Gabriel, **Entrevista**. **Revista Páginas Abertas**. São Paulo: ano 31, n. 27, p.11, 2006.
- CIMADON, Aristides. **Ensino e Aprendizagem na Universidade: um roteiro de estudos**. Joaçaba: Ed. UNOESC, 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

CORBÍ, Marià. **Para uma espiritualidade leiga**. São Paulo: Paulus, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

CUNHA, Antônio Camilo Teles Nascimento. **São os Valores que fundamentam a Formação/Educação: uma reflexão em torno do axiológico**. X Congresso Nacional de Educação, 2011. Curitiba: PUCPR, 2011.

DELORS, Jacques et al. **Educação - um tesouro a descobrir – relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez-Unesco 1999.

DICIONÁRIO DE MÍSTICA. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

DOWBOR, Ladislau. **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

EYNG, Ana Maria. **O tempo e o espaço na educação: A formação do professor**. Curitiba: Champagnat, 2003.

FLICK, UWE. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O uso dos prazeres**. In **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. V.2.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GADOTTI, Moacir e Colaboradores. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

GUERREIRO, Laureano. **A Educação e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

IMODA, Franco. **Psicologia e Mistério**. São Paulo: Paulinas, 1996.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros Educadores**. Curitiba: Champagnat, 2010.

_____. **O horizonte da Educação**. Curitiba: Champagnat, 2009.

KRONBAUER, Selenir Correa Gonsalves. **Formação de Professores: abordagem contemporânea**. São Paulo: Paulinas, 2008.

- LIBÂNIO, João Batista, HENGEMÜLE, Edgard. **Mística e Missão do Professor**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LIMA VAZ, H. C. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem Feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **Para onde vai o mundo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. **Uma política de Civilização**. LISBOA: Instituto Piaget, 1997.
- MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- NÓVOA, Antônio. (org.). **Os professores e as histórias de sua vida**. In: NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- _____. **Os professores e a sua formação**. 2ª. Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- _____. **Profissão Professor**. Porto (Portugal): Porto Editora.
- O'SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem transformadora**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PENSO, G. & GIBELLINI, R. (Org). **Deus na Filosofia do século XX**. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SAMMON, Irmão Sean D. **Uma revolução do coração**. In Institute of. The Marist Brothers, Volume XXXI, n. 1, 2003.
- SANTO AGOSTINHO, **De Magistro**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 1996.

- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SCHWARTZ, Morrie. **Lições sobre amar e viver: Reflexões do professor de “A última grande lição”**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- SNYDERS, Georgs. **Feliz na Universidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para Céticos**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SCHLINDWEIN, Luciane Maria – UFSC. AGUIAR, Maria Aparecida – UFSC. SOUZA, Maria Luiza de Souza e – UFSC. **Formação De Professores no Estado De Santa Catarina: O Que Dizem as Teses e Dissertações**. Curitiba: PUCPR, X EDUCERE, 2011.
- TESCAROLO, Ricardo. **A escola como sistema complexo**, São Paulo: Escrituras, 2004.
- THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa Ação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- TOURAINÉ, Alan. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**, São Paulo: Atlas, 1997.
- YUS, Rafael. **Educação Integral: Uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- YARZÁBAL, Luis. **Consenso para a mudança na educação superior**. Curitiba: Champagnat, 2002.
- _____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.
- _____. **O Político e o Cientista**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- WEIL, SIMON. **L’amore di Dio**. Roma: Borla, 1979.

ANEXO A

ROTEIRO PARA PESQUISA SEMI ESTRUTURADA

(Em vista do projeto de dissertação de mestrado do pesquisador Elcio Alberton versando sobre o tema: FORMAÇÃO MISTAGÓGICA DO DOCENTE NO CONTEXTO DA METAMORFOSE CIVILIZATÓRIA).

- 1) Identificação do pesquisado (Onde atua, tempo de atuação, formação, área de atuação no magistério, religião).
- 2) Participa de algum Programa de formação continuada, oferecido pela instituição em que atua, ou por outra congênere?
- 3) Independente de sua participação em programas de formação julga importante um processo de formação continuada para os docentes, oferecido pelas instituições de ensino a que estão vinculados os docentes ou outros congêneres?
- 4) Cite, espontaneamente, pelos menos três eixos temáticos que lhe pareça necessário fazer parte dos programas de formação continuada para docentes?
- 5) Tem algum conhecimento sobre as expressões: Religião e Espiritualidade. Acha que eles são correlatos ou que um depende do outro?
- 6) Tem algum conhecimento do significado dos vocábulos: Mística, Mistagogia, Mistagogo, Pedagogia, Pedagogo?
- 7) Metamorfose civilizatória e crise das sociedades tem alguma relação. A metamorfose tem alguma influência na educação?
- 8) Está disposto a fazer alguma relação entre os distintos significados de Mistagogia, Mistagogo, Metamorfose?
- 9) No seu entender, julga que a questão da Mistagogia é um tema que deveria fazer parte dos programas de formação continuada de docentes?
- 10) Outras considerações que julga oportuno e necessário fazer a partir do tema de que trata esta pesquisa.

ANEXO B

**Pontifícia Universidade
Católica do Paraná**



ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



**FORMAÇÃO MISTAGÓGICA
DO DOCENTE NO CONTEXTO
DA METAMORFOSE CIVILIZATÓRIA**

INQUIETAÇÃO



- Em que medida a mística como parte da formação continuada poderá colaborar com a práxis docente, contribuindo para o enfrentamento e a superação das dificuldades que, muitas vezes, mantém o professor com uma abordagem reduzida a técnica?

OBJETIVO



- Avaliar de que forma os professores respondem aos desafios da sociedade no contexto da metamorfose civilizatória, tendo em consideração o ser do professor e a mística da sua condição docente, a partir dos programas de formação continuada e da prática docente em escolas do ensino médio e no ensino superior.

CIVILIZAÇÃO x METAMORFOSE



- Desde que se tem notícia da existência do ser humano no planeta, a espécie experimenta um processo evolutivo;
- Entretanto, tem-se a clareza que em nenhum momento da história a civilização passou por transformações tão profundas como a que se vive na atualidade;
- Não necessariamente sob o ponto de vista antropológico ou biológico, mas no sentido em que tais transformações afetam a totalidade do existir humano.

MEDO



"Tudo o que é novo nasce com dores de parto"

O medo acompanha a civilização e aponta para a condição de **CRISE**.

A que se vive na atualidade precisa ser entendida como um processo de "ACRISOLAMENTO"

JUSTIFICATIVA

7

- Se não é crise;
- Se não é motivo pra medo;
- Há que se levar em conta outra realidade:
- “ Totalidade humana, e deste modo, contribuir para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades: profissionais, biofisiológicas, intelectuais, emocionais, espirituais e sociais”

QUEM EU SOU?

8

- Filho de agricultores que frequentaram a escola até o terceiro ano primário na era Vargas;
- Família numerosa e com poucos recursos;
- Interiorano;
- A duras penas concluí o ensino superior;
- Paixão pela educação .

CAMINHO PERCORRIDO

9

- Créditos do programa de mestrado;
- Leitura de bibliografia;
- Pesquisa de campo.

METAMORFOSE

10

- Mudança na forma e na estrutura;
- “Redes de Transporte, matrizes energéticas, governança pública e privada... Modelos e sistemas educacionais e formação de professores”.
- Mais de 4 milhões de links com o tema .

COMPLEXIDADE

11

- Estamos rodeados de sistemas altamente complexos como nunca antes visto;
- Globalização é altamente complexa;
- As novas tecnologias apontam para transformações culturais; (Bento XVI).
- Esquivar-se desta estrutura globalizadora significa cair antes ainda na obsolência.

MÁGICA

12

- Vi um novo céu e uma nova terra...
- Um momento transformador para a terra e para o ser humano ...(Sullivan).
- Epidemia de liberdade ;
- Educação nas NTCI a EAD .

E AGORA ?

13

- “Uma crise é uma oportunidade para a reflexão sobre ela, o que propicia a construção de uma experiência;”
- O dia seguinte nunca é decorrente do nada: “do nada, nada vem”;
- A complexidade é vista como quebra de paradigmas - Tescarolo ;
- Tempos difíceis... Tais somos, tais os tempos...

NOVO EM TUDO...

14

- “Não creio que as mulheres e os homens do mundo...”
- Resultado será um mundo gentificado...
- Não se deixar aterrorizar;
- Metamorfose radical e abrangente...

RESPONSABILIDADE

15

- Educador: desenvolver uma consciência capaz de combiná-la com qualificações críticas para resistir a despersonalização do sujeito;
- Perplexidade pode diminuir de acordo com a espiritualidade que se cultiva;
- Nem medo nem indiferença;
- Globalizar a solidariedade.

TRANSCENDENTE

16

- Afirmção de Plutarco...
- Tudo o que está ao alcance do ser humano em vista de um mundo melhor;
- Sagacidade.

FORMAÇÃO CONTINUADA

17

- Educação como parte do contexto planetário;
- Valorizar o ser do professor;
- Ressignificar a educação;
- Nem transmissor de conhecimento;
- Nem preparador para o trabalho;
- Sintonia entre profissional e pessoal.

EXPECTATIVAS

18

- Professores: construtores de comunidades;
- Alimentadores de esperanças;
- Gerenciadores de sonhos;

=

Complexidade !

PROFESSOR

19

- Problema e solução;
- Processo de mudança;
- Além de esquemas ideológicos ou políticos;
- Ressignificar a missão de professor;
- Reencantar a educação;
- Formar seres humanos com criatividade e ternura.

COMO FAZER?

20

- Educar com paixão;
- Libânio: Criação de novos paradigmas – aprender ao longo da vida;
- Conhecimento como realização humana;
- Os educadores são gente;
- Enriquecer competências;
- Fazer o que fazem os bons mestres.

CONHECIMENTOS

21

- Modificam a velocidade da luz;
- Isso é positivo;
- Reconstruir e reordenar;
- Isso significa: ser e estar professor!
- Avaliar-se e ir muito além da regência de classe;
- Despertar do sono dogmático da razão profissional .

MÍSTICA - ESPIRITUALIDADE

22

- Envolvimento no mistério o absoluto;
- Relação com emoção, beleza, mistério, verdade, espanto, surpresa;
- Paixão, Gratidão;
- Enaltece o sujeito que procura;
- Não cabe em si mesmo;
- Inquietude, desobediência, efervescência ;
- Experimentar Deus.

MISTAGOGIA

23

- *MYSTES* = MISTÉRIO
- *AGO* = CONDUZIR
- CIVILIZAÇÃO GREGA - ritos e cultos naturais – escondido;
- Judaico = revelação ;
- Comunidades cristãs;
- Padres da Igreja;
- *Gaudium et Spes* .

MISTAGOGIA - EDUCAÇÃO

24

- Mistagogo – conduz ao mistério e neste sentido pode ser aplicado ao professor;
- Educação – contribui para o desenvolvimento total da pessoa ;
- Ir além daquilo que é cultural no mundo.;
- Resposta aos medos hodiernos;
- Autopoiesis – renovar-se continuamente;
- Viagem sagrada;
- Vivência de fé que ilumina e alimenta as convicções;
- Valorização das experiências de interioridade;
- Vocação.

METAMORFOSE DO EDUCADOR

25

- Profissão para vocação;
- Totalidade incompleta – Thiago de Melo;
- Dimensão amorosa e gratuita;
- Silenciamento interior (Mistagogia passa por aí)
- Fechar os olhos para ver a totalidade completa;
- Aprender a aprender;
- Ó mestre que eu procure mais...

PARA ALÉM DO CURRÍCULO

26

- Aprende pelas atitudes, comportamentos, valores ;
- Recriar culturas – ir para além do currículo ;
- Agentes de transformação pessoal;
- Aprendemos com a verdade que se ensina interiormente;
- Acender o fogo da alma;
- Extasiar-se pela beleza daquilo que não se vê;
- Envolver-se com encanto, com criatividade ;
- Palavra, afeto, além dos interesses económicos.

TESTEMUNHO

27

- Sintonia fina entre eu profissional e eu pessoal;
- Envolvimento metamorfofóico;
- *Mirabilia Dei!*
- O Educador Mistagogo será constantemente desafiado a desenvolver um processo relacional entre aquilo que ensina, aquilo que vive e aquilo que acredita;
- De onde vim, para onde vou, de quem eu sou, para quem eu sou;
- Superar o dualismo do pensamento ocidental.

28

- Escolas correm o risco de fabricar máquinas para adestrar monstros;
- Abrir espaço para contemplação e a gratuidade;
- Mistagogia tem a ver com *EROS*;
- Educação e coração;
- Postura ética;
- Enxergar além da escola;
- Valorizar as pequenas conquistas;
- Metamorfosear a educação.

RELEVÂNCIA DO TEMA

29

- Enriquecida com a pesquisa de campo;
- O processo metamorfofóico pede uma combinação entre trabalho, lucro, profissão, vocação, valores;
- A formação precisa ir além de produzir bons profissionais. Precisa formar seres humanos: gentificar!

CONCLUSÃO DA PESQUISA

30

- Cultivo e preparação de sujeitos integrados e integradores além da perspectiva técnica e profissional;
- Mistagogos!
- Valorizar a comunhão com o mistério relacional;
- Educar é de longe socializar conteúdos, técnicas e saberes.

DURKEIN

31

- “O objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o de criar um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade do espírito que oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”.

BOM PROFESSOR

32

- Aquele que se torna presença na vida dos seus alunos;
- Inter-relaciona vida profissional e pessoal;
- Professor que vive para a docência.

PROFESSOR AMADO

33

- “Amar-se-á um professor que souber apoiar-se em elementos precisos, minuciosos, severos, rigorosos, cientificamente estabelecidos, mas também mostrar aos alunos os fatos fundamentais, os aspectos gerais, uma síntese que englobe os pormenores e abranja as questões levantadas pelos alunos: evocar os grandes problemas da história, isto é, em última análise, as lutas e as trocas entre as diferentes formas de civilização.” (Georges Snyders)

CONFIRMAÇÃO

34

- O êxito do trabalho docente implica a formação não somente como apropriação de conteúdos, mas no saber ser professor;
- Ser professor se aprende por elementos implícitos onde entram questões afetivas, de convívio social, de valores;
- Considera o ser humano enquanto sensível, logos e metafísico.

CARÊNCIAS APONTADAS

35

- Falta considerar o SER e o que faz parte do SER;
- Cursos oferecidos equipam o profissional com habilidades e técnicas para responder à lógica mercantil e tecnológica;
- Estado de SC, entre 286 teses e dissertações de mestrado defendidas no período de 10 anos nenhuma tratou de questões axiológicas ou fez referência a valores, espiritualidade, mística.

LICHNEROWICZ

36

- Nossa universidade atual forma pelo mundo afora, uma proporção demasiado grande de especialistas em disciplinas predeterminadas, portanto artificialmente delimitadas, enquanto uma grande parte das atividades sociais, como o próprio desenvolvimento da ciência, exige homens capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas das disciplinas.

IMPACTO DA PESQUISA

37

- Medo
- Curiosidade
- intriga
- Perplexidade

IDENTIFICAÇÃO

38

- Instituição: A, B e C;
- Sujeitos: 1 a 20;
- 50% masculinos e 50% femininos;
- Habilitados;
- Do quadro próprio da instituição;
- Com 1 ou mais anos na docência;
- 80% participa de programas de formação continuada.

INSTITUIÇÃO A

39

- Componentes vitais do ponto de vista da sobrevivência da educação formal. O tema não exige ser especialista, mas as relações interpessoais indicam a necessidade de abranger outras questões. Um aspecto é o formativo, outro é a formação humana dos profissionais da educação. (Professor 4).

INSTITUIÇÃO B

40

- Não se pode ignorar que o trabalho do professor é fundado em relações humanas e os temas são primordiais, principalmente a relação discente x docente; (Professor 12).
- Olhar em relação à família, ao contexto social.;
- Preciso pensar a função da escola.

INSTITUIÇÃO C

41

- O tema é tratado regularmente no programa de formação continuada e isso tem modificado a relação professor x professor x aluno x instituição x colaborador x clientela
- A questão da mística fez da escola uma unidade diferenciada na oferta da educação fundamental diante do mercado educacional estabelecido nos últimos tempos.

FORMAÇÃO CONTINUADA

42

UNÂNIMIDADE !

EIXOS TEMÁTICOS

43

- 85% destacam como necessária a formação para “além do currículo”, ou seja :
- “formação continuada precisa valorizar o ser humano, a escola deve, enfim, deixar de ser apenas técnica. Em todas as áreas há carência de mística no sentido de olhar o ser humano tal como é: HUMANO!

ANÁLISE REFERENCIAL

44

- Necessidade de formação e o leque de eixos temáticos;
- Insatisfação com a direção atual;
- Preocupações relativas ao SER do professor.

RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

45

- São diferentes;
- Espiritualidade é mais necessária e não tem necessariamente dependência da primeira;
- “Não são a mesma coisa. A pessoa pode ser espiritual sem ter uma religião. Espiritualidade tem a ver com espírito. Tem relação coma vida profissional. É muito amplo, mas estando de bem consigo mesmo com os outros é importante para a vida profissional. Uma espiritualidade mais tranquila leva as pessoas a produzir melhor. Fazer o que gosta significa também espiritualidade.”

MÍSTICA E SUA RELAÇÃO...

46

- 40% dos entrevistados conseguiu fazer uma relação entre os vocábulos:
- “Mística tem a ver com extraordinário – eu acho que o místico vai alimentando a crença;
- Mistagogia é o desenvolvimento da parte humana e pessoal de cada um.
- Pedagogia x Mistagogia – pode ser aplicado a cada pessoa que é diferente e precisa descobrir o mistério que faz se questionar. O pedagogo precisa de qualificação;
- E o Mistagogo: principalmente o exemplo próprio.

INTERPRETAÇÃO

47

- Na grande maioria tem noção do que seja, mas ainda com dificuldade de estabelecer a relação entre eles;
- Entende-se tal limitação por conta da novidade do tema na sua relação com a educação.

METAMORFOSE E EDUCAÇÃO

48

- Também aqui a relação foi difícil, entretanto, todos responderam e vale citar:
- “A expressão metamorfose não é desconhecida, mas nunca tinha ouvido associada a educação. Trata-se de um tempo em que a civilização está deixando de ser uma para ser outra. Está acontecendo uma metamorfose no modo de pensar a educação, os problemas, aceitação das diferenças”.

MISTAGOGIA E METAMORFOSE

49

- A dificuldade em fazer relação entre as palavras foram igualmente sentidas;
- Mas merece destaque a resposta dada pelo professor "5":
- "Diante do vazio e da falta de valores se vê que é importante cultivar a vontade de viver bem e em harmonia, se preocupar com o bem, ver a repercussão no amanhã. Significa buscar a unidade que não está na materialidade. Ver, por exemplo, o que preocupa em relação aos colegas, aos pais. Não é a mesma coisa que atribuir tudo a Deus como se fosse um fatalismo".

REFERENCIANDO...

50

- Há um conhecimento relativo do significado das expressões, mas uma deficitária compreensão da relação entre eles;
- Se constituem num eixo integrador dos desejos e expectativas dos educadores que almejam explorar a temática e a relação entre elas com a cotidiano da ação formativa.

MISTAGOGIA ?

51

- A nona e última pergunta indagou sobre a importância do tema na formação continuada.
- 55% afirmaram categoricamente que julgam necessário a questão espiritual ser mais explícita nos programas de formação. Destaque para a opinião do professor "9"
- "É preciso ressignificar, a espiritualidade deve estar mais presente, é preciso se reumanizar. Como serão nossas relações. Descobrir que acima de tudo a gente pode, nas diferenças, pode se fazer alguma coisa juntos. Deus ainda tem lugar na sociedade. Melhorar a espiritualidade implica também na melhora das condições de trabalho do professor".

POSSÍVEIS CONCLUSÕES

52

- Os docentes estão sedentos por novas relações;
- Apontam para outro modelo de formação que não seja a preparação para o mercado;
- Compreendem ser necessário uma 'metamorfose' nos programas de formação;
- Transformação no exercício da docência e na preparação para ela;
- Evoluir na compreensão da relação profissão/vocação no seio da escola, da família e da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

53

- As questões da espiritualidade se apresentam como necessidade fundamental quando se trata do SER do professor mais do que o ser professor;
- Não é razoável que a formação se conforme às dimensões técnicas e conteudistas;
- O mistagogo é aquele que conhece bem, que ensina bem e que vive bem;
- O mistagogo será uma presença calorosa no mundo da educação;
- O mistagogo se constituirá num agente transformador na arte de educar;

54

- O mistagogo não é um super homem, ou uma pessoa fora do seu tempo, mas uma criatura em perfeita sintonia com a metamorfose civilizacional;
- É um indivíduo capaz de apaixonar-se, virtude mediante a qual muitas dificuldades serão suplantadas;
- Mistagogia contribuirá para o desenvolvimento de todas as potencialidades;
- Mistagogia não tem pátria, nem religião, sua origem não está nas instituições;
- O sagrado é o misterioso que se apresenta como satisfação e realização, é a concretização do que disse Santo Agostinho: "Inquieto está meu coração enquanto não repousa em ti".

55

- O amor ao próximo implica amar-se a si mesmo;
- O místico é muito mais do que um socialista utópico – é alguém capaz de cultivar a poesia, a gratuidade, o lúdico e o festivo;
- Cultiva seu caminho interior e faz da educação uma prática da liberdade;
- Mistagogo se faz em todo o processo formativo como um processo ininterrupto e interminável;
- Mistagogia é muito maior do que qualificação para o trabalho;
- Mistagogia é um diálogo consigo, com o outro e com todas as formas de vida num contexto de corresponsabilidade sustentável;
- Ética planetária;